

Miguel

Spin-off da Trilogia Marias



ANNE K SILVA



Miguel

Spin-off da Trilogia Marias

Anne K Silva

1ª. Edição

Copyright © Anne K Silva

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Edição Digital: Criativa TI

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.
São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Debora](#)

[Capítulo 1](#)

[Debora](#)

[Capítulo 2](#)

[Debora](#)

[Capítulo 3](#)

[Debora](#)

[Capítulo 4](#)

[Debora](#)

Capítulo 5

Miguel

Capítulo 6

Debora

Capítulo 7

Miguel

Capítulo 8

Debora

Capítulo 9

Miguel

Capítulo 10

Debora

Capítulo 11

Miguel

Capítulo 12

Debora

Capítulo 13

Miguel

Capítulo 14

Debora

Capítulo 15

Miguel

Capítulo 16

Debora

Capítulo 17

Debora

Capítulo 18

Miguel

Capítulo 19

Debora

Capítulo 20

Miguel

Debora

Capítulo 21

Miguel

Capítulo 22

Debora

Capítulo 23

Miguel

Capítulo 24

Debora

Capítulo 25

Miguel

Fim

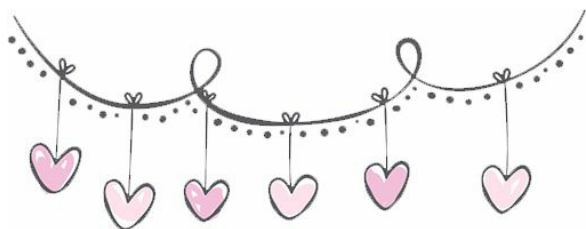
Epílogo

Debora

Agradecimentos

Outros Romances da Autora:





Sinopse

Miguel é um homem mulherengo e todos sabem disso. Focado no trabalho e em curtir a vida, tudo o que ele menos deseja é alguém para se apegar. Sua vida estava seguindo como ele sonhava: reconhecimento no trabalho, sexo casual e liberdade. Até que reencontra um caso do passado e decide descobrir o que Raquel esconde.

Debora precisa aprender a ser mãe em um momento inesperado, afinal,

sua melhor amiga, Raquel, abandonou o filho com ela. Sozinha, Debora decide criar o menino. O medo faz parte da sua rotina, mas o amor pelo pequeno faz tudo valer a pena. Até que Raquel volta a sua vida trazendo o passado consigo.

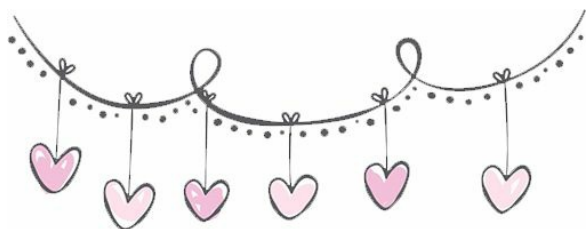
Ele quer saber o que Debora e Raquel escondem.

Ela quer apenas tranquilidade e paz.



Está história se passa entre o livro um (Maria Luana) e o livro dois (Maria Júlia).





Prólogo

Debora

Jamais imaginei que minha vida mudaria dessa forma.

Jamais imaginei que seria a minha melhor amiga, a pessoa que considero uma irmã, que me jogaria no meio de um furacão. Mesmo que esse furacão tenha lindos olhos escuros e um corpo de molhar qualquer calcinha.

Para quem estou mentindo?

No fundo, eu sabia que esse dia chegaria, mas diferente do que aconteceu, imaginei que seria Raquel a dar com os dentes e não um completo e grande acaso.

Às vezes, brincamos com o universo e esquecemos que o destino pode tudo. E agora...

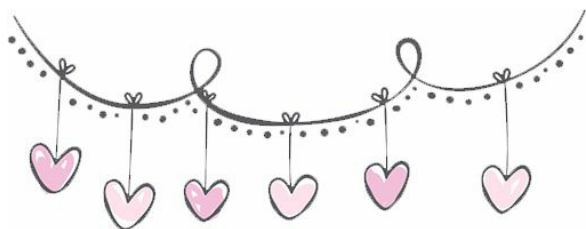
Agora minha conta chegou. O universo me jogou diante dele. Meu maior problema e medo.

E eu?

Estaria mentindo se dissesse

que uma parte de mim não o quer e a outra... a outra o teme.

Miguel Vicente de Melo é o homem mais lindo que meus olhos já viram, mas é também, o homem que mais temo.



Capítulo 1

Debora

Cinco anos antes

Quando minha melhor amiga disse que estava grávida eu surtei junto com ela, afinal, Raquel é jovem e imatura, mas ainda assim a apoiei em tudo, a amo e jamais a deixaria sozinha, por isso, estive presente em cada pequeno detalhe.

Estive ao seu lado nas consultas, nas compras e decoração do seu quarto para a chegada do pequeno e então...

Suspiro.

Quando a sua melhor amiga revela um lado egoísta e duro parece que todo o mais pode não ser real.

Desde que seus pais morreram e Raquel precisou morar com os avós aprendemos o que era amizade, o que era lealdade. Raquel sempre foi minha melhor amiga, sempre soube todos os

meus segredos. Eu faria tudo por ela, a via como irmã e não tive dúvidas ao chamá-la para dividir um apartamento pequeno e simples no centro da cidade, após terminamos a faculdade.

Professora, foi difícil conseguir a vaga na melhor escola infantil da cidade, no entanto, embora o meu salário não seja rios de dinheiro, o consegui e o adoro. Já Raquel, formada em administração queria altos cargos. Mudar o padrão de vida era seu sonho. Junto com a liberdade, claro.

E quando a minha melhor

amiga, decidiu dar uma de louca eu não entendi.

Juro que nunca imaginei que a Raquel, a pessoa que cresceu ao meu lado e que nunca deu nenhum sinal do que faria foi capaz de...

Sumir.

Foi assustador. Completamente assustador entrar em casa, checar meu afilhado e descobrir que ele dormia sozinho e ao seu lado tinha um bilhete, que mais uma vez o observo em minhas mãos.

“Agora ele é seu. Cuida bem dele. Por ele, por você, por mim. Te amo, sua mana, Raquel!”

— Egoísta, ingrata, louca e imatura. É isso que você é, Raquel. — digo, olhando nos olhos da minha amiga que decidiu reaparecer depois de seis meses.

Seis longos meses em que tive que aprender a ser mãe. Seis meses em que por medo, não procurei uma delegacia, conselho tutelar ou algo parecido. Seis meses em que acolhi o meu afilhado e esperei... esperei

pacientemente por sua mãe e agora ela voltou.

— Eu sei. Talvez eu seja mesmo tudo isso, mas não o quero Debora. Não consigo olhá-lo e nos ver juntos. É muita... responsabilidade, muito gasto, muito cuidado e ... pouco amor. O amor que sinto por ele não me faria ficar.

— Egoísta. Ele é um bebê, ele saiu de você, ele a ama e sente sua falta.

— Debora, ele não sabe de nada. — retruca e faz uma careta ao ver

o pequeno chorar.

— É seu filho.

— Agora ele é seu. — diz entregando-me um papel.

Observo. Ela está me dando a guarda do filho. Ela está dando o filho como se ele fosse... qualquer coisa.

— Nunca imaginei que você fosse capaz de algo assim. Nunca imaginei que poderia ser uma péssima mãe.

— Eu não sou mãe, Debora. Eu o gerei, dei à luz, mas não criei

vínculos. Há um mundo lá fora esperando por mim e eu o quero. Quero todas as aventuras que puder viver.

— Então viva a aventura que é a maternidade.

— Essa não quero, obrigada!

— Bruxa, você é uma...

— Debora, aprenda a xingar. Pode ser sincera. Nos conhecemos a vida inteira. Nos amamos, você é a irmã que a vida me deu. As palavras não saem da sua boca, mas estão estampadas no seu rosto, nos seus olhos.

— Você é uma puta egoísta e sem noção. Como acha que poderei cuidar do seu filho?

— Você tem essa casa, que dá para os dois, tem um emprego que os mantém, tem amor, coração grande. Tem todas as condições de educar esse menino e de ser para ele o melhor que ele pode ter.

— Meu salário é uma porcaria, essa casa é minúscula e alugada, criar um bebê tem custos.

— Você pode pedir a ajuda ao

pai dele, mas então talvez não o tenha. O menino será tirado de você. Estará vivendo uma vida de príncipe, mas com pessoas desconhecidas.

— Chantagista.

— Realista. Não quero demorar, trouxe a declaração só precisa assinar.

— Como conseguiu isso? — pergunto curiosa.

— O juiz adorou minhas pernas. — Sorri ao narrar seu grande feito e percebo que talvez não a conheça

tão bem.

— É seu filho, Raquel. Não é uma peça de roupa que não gosta e passa para frente.

— Não o quero, Debora,

— E acha que é assim? Que é fácil assim? Por que não pensou nas consequências ao transar com um estranho?

— Porque eu queria o estranho, mas não quero as consequências. Não o quero, não entende? Ele é lindo, é saudável, é um bom menino...

Bufo.

— Sim, ele é um bom menino, saudável porque corri atrás de fórmulas para que não morresse de fome quando a mãe sumiu e o deixou para trás com apenas dois meses. Dois meses, Raquel!

— Eu sei, mas não o ...

— Queria. Não o quer. Já sei. Mas o que porra você estava pensando? O que você queria?

— Transar, Debora. Eu queria transar com o pai dele, não queria um filho. Eu quero viver a minha vida. Os

documentos estão aqui, você decide o que faz com eles. Se os guardar, o menino será seu, se procurar o pai do garoto sabe o que pode, o que vai acontecer. Agora, preciso ir. Tem um mundo lá fora me chamando e quero ir. Não nasci para ser mãe, nasci para ser livre. — diz ao caminhar para a porta.

— Raquel — chamo morrendo de curiosidade —, quem é o pai? — faço a pergunta que nunca ousei fazer. Sempre respeitei seus silêncios. E quando contou sobre a gravidez, vi em seus olhos que ela não me diria.

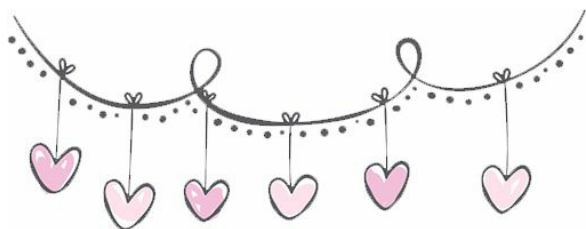
Vejo Raquel sorrir e por fim, ouço em bom, claro e perfeito som:

— Miguel. Miguel Vicente de Melo é o pai do Lucas Emanuel.

Ouçõ a porta bater e sento-me no sofã com o coração batendo forte. Ouçõ o choro do Lucas e medo cai sobre mim. O pego no colo e os olhos verdes como o da mãe me olham cheios de lágrimas.

— Perdão, Lucas. — falo ao tomar a decisão mais difícil da minha vida.

Lucas jamais saberá quem é o pai. Miguel jamais saberá que tem um filho. E eu acabei de ganhar o meu lugar no inferno.



Capítulo 2

Debora

Da mesma forma como entrou em minha casa, Raquel deu as costas e partiu. Tomei uma decisão de modo egoísta. Posso estar ferrando o futuro do meu pequeno, mas como viveria se o tirassem de mim?

Olhando-o em meu colo, percebo o quanto posso estar dificultando sua vida. Minha realidade

não é perfeita. Mesmo ensinando em uma ótima escola, meu salário não condiz com a excelência da mesma, Miguel poderia dar-lhe o mundo, mas não posso. Não conseguirei.

— Perdão, bebê. Juro que tentarei ser a melhor madrinha... mãe que puder e se um dia você quiser saber quem ele é, eu conto, mas agora... agora somos só nós e prometo que mesmo nossa família sendo pequenina seremos felizes.

Lucas se aninha um pouco mais. Será que me conhece mais do que a

Raquel? Será que verá a mim como mãe? Não quero apagá-la de sua vida, mas o que direi? Sua mãe biológica não quis você? Qual tamanho do trauma de uma situação assim?

— Puta merda, Raquel. Espero que nunca mais volte. — resmungo e sinto o leve puxão em meus cabelos.

— A mamãe promete não falar mais palavrão, meu amor. — Suspiro.

Após comer e dormir, deixo Lucas em seu quarto. O ambiente ainda é pequeno. A cama de casal à espera da

dona. O guarda-roupa de adulto. Suspiro. Eu acho que odeio a minha melhor amiga.

Meu celular em meu bolso vibra. O pego e não consigo aceitar.

“Depositei uma boa quantia em sua conta. Dá para começar essa etapa nova em sua vida. Não irei mudar de ideia. Ele é seu. Provavelmente estarei sumindo da sua vida também, ou pelo menos por enquanto, então se esse número nunca mais te mandar mensagens ou ligar, é porque eu apenas me desliguei de tudo e mudei. Desculpa

por não ser como você esperava. Desculpa por... ser egoísta. Eu amo você. Mesmo que me odeie agora, eu vou continuar te amando e sendo sua melhor amiga e irmã. Sentirei sua falta. Raquel”

Acesso o aplicativo do banco e vejo cinquenta mil em minha humilde conta. Sorrio irônica e vou para a cozinha. Enquanto Lucas dorme, permito ser uma pessoa irresponsável e encho a taça de vinho. Um vinho barato e horrível por sinal.

Sem saber como seguir, acabo

entrando em minhas redes sociais. Procuro por Raquel e vejo que postou estar no aeroporto. A legenda? “A caminho da vida que sempre sonhei para mim.”

— Espero que essa vida valha a pena, sua vaca! — digo magoada.

Continuo passando o feed e vejo um lindo quarto de bebê. Sem pensar, envio mensagem para a página e peço um orçamento para um quarto novo e perfeito para um menino de apenas oito meses.

Quando recebo alguns modelos de quartos, confirmo a compra e faço o pagamento. A partir de agora, pensarei nessa casa apenas como minha e dele. Lucas terá de mim o melhor e sei que meus pais me ajudarão em cada etapa.



O quarto de Lucas ficou pronto em um mês. Um mês foi o tempo que também fugi dos meus pais e que optei em pagar uma babá, com o dinheiro da Raquel, para que cuidasse do menino

enquanto eu trabalhava. No entanto, chegou o momento de pedir ajudar a quem realmente pode me ajudar.

Caminho com Lucas em meus braços e sua bolsa em um dos ombros até a casa dos meus pais. A distância entre nossas casas é razoável, mas não posso me dar o luxo de comprar um carro agora. Não posso nem me dar o luxo de pagar a babá com o dinheiro deixado pela mãe... pela Raquel. Preciso deixar o dinheiro para emergências e preciso ajudar a aumentar o valor se quero que ele tenha um futuro.

Bato na porta e vejo o papai sorrir ao nos ver. Ele adora o menino, assim como a minha mãe.

Entro suspirando. Quando meu pai o tira de mim, o leva para o sofá e o nina, não me seguro e derramo as lágrimas que tenho engolido há um mês.

Assustada, mamãe caminha até mim.

— O que aconteceu? Está tudo bem? Querida, você está me assustando. Preciso que diga algo. Qualquer coisa. — diz ao me levar para o sofá.

— Ela voltou, o deixou para mim e se foi. Teve coragem de deixá-lo como se fosse uma roupa velha e se foi. Preciso de ajuda, agora ele é meu. Sou oficialmente mãe do Lucas.

Enxugo as lágrimas e meu pai me olha com assombro.

— A Raquel voltou? Onde ela está? — pergunta.

— Em Paris, papai. Ela voltou, me entregou um documento me dando a guarda do Lucas e se foi. Disse que não o quer. E agora preciso de ajuda.

Preciso que me apoiem e me ajudem a cuidar dele. Vou diminuir minhas horas de trabalho e isso virá com diminuição de salário, mas por um período do dia preciso de alguém o olhando. Só confio em vocês. — falo.

— Posso ficar com ele no horário da manhã. Não há movimento grande na padaria e posso deixar uma das atendedoras no caixa. À tarde preciso apoiar o seu pai por lá, mas podemos ajudá-la. Já providenciou plano de saúde?

— Mãe, eu vou ter o salário

reduzido, não posso pagar um plano de saúde para ele. Vou tentar inseri-lo como dependente no plano do trabalho.

— Mais descontos. Não peça. Pagaremos. — papai fala e sorri olhando o menino. — Sempre quis ter um neto.

— Obrigada!

— O que mais Raquel falou?
— minha mãe pergunta.

— Que ele tem um pai.

— Isso está claro, meu bem.
Ninguém faz um filho sozinho. — papai

resmungo.

— Miguel Vicente de Melo. O filho do político.

— Podíamos pedir ajuda e esse menino nunca saberá o que é dificuldade. — mamãe fala e meus olhos se enchem de lágrimas.

— Não posso. Ele tem dinheiro, poder. E se quiser a guarda do filho?

— Você não tem a guarda? — pergunta.

— Mãe, eu tenho a guarda do

filho da Raquel, mas a guarda de um filho que o pai não sabe da existência, logo não concordou.

— Deus do céu! — A vejo colocar as mãos no coração.

— Está com a documentação? — papai pergunta e passa o bebê para minha mãe. Pego da bolsa e o entrego. Não tive coragem de ler outra vez. A verdade é que não li direito. — Você leu bem esse documento?

— Não. Meus olhos focaram a parte do “abre mão do filho biológico” e

só. Ela ficou falando que ele era meu e apenas aceitei. O amo e cuidarei bem dele.

— Filha, ela não te passou a guarda do menino. Ela abriu mão dele de todas as formas. Ela te fez adotá-lo.

— Adotá-lo? Como assim? Eu não deveria assinar algo? Não deveria ter falado com o juiz?

— Há uma assinatura sua aqui.

Pego o papel e olho.

— Não assinei nada assim.

— Como ela conseguiu te dar o

menino como se essa adoção fosse legal, por meios ilegais? — pergunta assustado.

— Dormindo com o juiz. O que vamos fazer?

— Precisamos de um advogado.

— Não. Não posso arriscar.

— Se isso for descoberto você pode... não sei. E se for acusada de algo?

— Amo o Lucas, papai.

— Todos nós amamos.

— Preciso dele e ele de mim.

— Ele tem um pai.

— E agora sou sua mãe. Farei tudo por ele e não vou arriscar deixá-lo com alguém que pode maltratá-lo ou fazer o mesmo que Raquel. É meu, cuidarei dele e peço que me ajudem.

— Tudo bem. Se você quer assim, estaremos ao seu lado. Agora, vamos todos pensar em como nossa vida será feliz com ele ao nosso lado.

Tento sorrir.

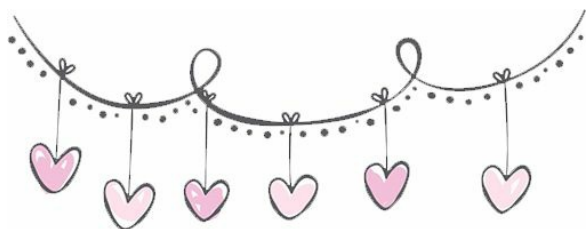
— Fiz um novo quarto. Ele terá

um espaço só para ele e será amado e feliz.

— Ele será amado e feliz. —
minha mãe diz e suspira olhando o
pequeno sorrir cheio de baba para ela.

Não importa o quão difícil
possa ser. Não importa o quão louco,
arriscado ou perigoso criá-lo possa ser.
Lucas Emanuel é meu filho e serei para
ele o que ele precisar que seja. Darei
amor, cuidado, atenção e o educarei.
Darei segurança, sonhos e uma vida
feliz.

Seremos nós e isso nos bastará.



Capítulo 3

Debora

Enquanto observo as crianças da escola correrem pelo parquinho penso em como será minha vida quando meu menino começar a vir para a escola. Ele já tem os amigos da rua da minha mãe, mas aqui, esperto e inteligente como é, vai ser o menino mais cheio de amigos que essa escola já viu.

Lucas é cheio de vida, adora

conversar na língua infantil que somente os pais e outras crianças entendem, consegue ser a graça da minha vida e a certeza de que fiz a escolha certa. Em meio a pensamentos, acabo sorrindo sozinha.

Parada na entrada da sala de recreação, continuo observando meus alunos brincarem. Eles sorriem, correm, caem e levantam-se para fazerem tudo novamente em meio a choros e risos.

É encantador de olhar.

— Essas crianças não cansam,

não é? — a diretora diz ao parar ao meu lado.

— Não, mas é encantador.

— Quero ver você dizer o mesmo quando o seu menino estiver aqui, correndo ali, junto com os amigos, caindo, se levantando, chorando e sorrindo. — fala e sorrio, virando-me para ela.

— Ele é tão esperto. Adora diversão, cair já é rotina. Somos formados em fazer curativo, beijar dodói para sarar e por fim, dizer que

está tudo bem e vai passar.

— É uma das mães mais dedicadas que já conheci. Fico feliz em ver o amor grande e sincero que sente por esse menino. — minha chefe sabe que tudo que passei. Sabe que não foi, não é fácil. Seu apoio em forma de compreensão é importante para mim.

— Ele é meu mundo e nada vai mudar isso. — falo e ela sorri.

— Estamos prontos para recebê-lo. Quem sabe assim deixa de ser tão preocupada. — brinca.

A verdade é que jamais deixarei de me preocupar. Lucas é o meu mundo, minha vida. É a razão que tenho para me esforçar ainda mais, por lutar ainda mais e não me importo. Faço por amor, o mesmo amor que recebi dos meus pais a vida inteira, o mesmo amor que toma conta e faz a gente transbordar. Lucas é a minha luz e nada mudará isso.

Ele era a incerteza, o erro da Raquel, mas para mim, é a certeza, o meu acerto.

Volto a realidade quando o sinal toca, anunciando o fim do momento

de recreação. Animada, ajudo outra professora a trazer as crianças para a sala, após o período de intervalo alguns querem capotar de sono, mas com atividades lúdicas consigo manter todos atentos e no fim da aula me sinto orgulhosa da profissão que escolhi, da vida que levo.

Caminho até a casa dos meus pais e ao chegar encontro Lucas dormindo. Aproveito para almoçar com meus pais e corrigir algumas atividades simples de sala de aula. O tempo vai passando e me perco no trabalho.

— Mamã — a voz doce de Lucas me tira das atividades simples das crianças e me traz para o meu filho.

— Boa tarde, filho! Que soninho gostoso você tirou. Dormiu um montão. — digo e ele desce do sofá e vem, com passos incertos até onde estou.

O abraço cheio de saudade me comove, me aquece, me mostra que estamos construindo algo sólido. Posso não ser uma mãe perfeita, mas estou totalmente entregue a maternidade. A ele.

Arrumo nossas coisas e pego meu filho no colo. Com o pequeno quieto e abraçando-me de forma apertada caminho para casa.

Já em casa, vejo que Lucas não está bem. Pego o termômetro e peço que fique quietinho.

— Filho, a mamãe precisa te dar um pouquinho de remedinho para você ficar bem de novo. — digo ao perceber que ele está com um pouco de febre.

Amuado ele me olha, seus

olhos cheios de lágrimas fazem os meus transbordarem. Amar e cuidar de um filho nunca será uma tarefa fácil. A cada dor e choro após medicações me quebram o coração.

Com um suspiro, deito-me em minha cama e o trago para perto. Lucas se aconchega em mim e aponta para a TV, ligo em um canal infantil e pela milésima vez vemos desenhos até que novamente pegue no sono.

Quando finalmente consigo criar coragem para deixá-lo um instante sozinho, tomo um banho quente e rápido.

Com medo de Lucas acordar e não me encontrar ao seu lado, faço um sanduíche leve e levo para o quarto. Após jantar, volto a deitar ao seu lado e a observá-lo. Acho que nunca irei parar de buscar laços do pai em seu rosto.

O quanto dele Lucas terá? Será que um dia meu menino desejará conhecer o pai? Será que irá me perdoar?

Tão lindo e meigo, meu pequeno seria a alegria da vida do pai, tenho certeza, mas assim como Raquel, fiz uma escolha e apesar de saber lidar

com ela, não consigo impedir minha mente de questionar.

— Você é bebê mais lindo do mundo, Lucas. Obrigada por ser o meu mundo. — falo enquanto passo as pontas dos dedos sobre seu rosto delicado e bonito.

Nunca pensei como seria minha vida após aceitá-lo como meu. Sabia que haveria momentos felizes e momentos difíceis, mas nada me preparou para ser mãe. E quando precisei me tornar, percebi que minha vida jamais seria igual. Eu jamais seria

a mesma.

Lucas me mudou.

Chegou, conquistou meu coração e transformou o meu mundo. Seria incapaz de voltar a ser a mesma Debora Lima de antes, seria incapaz de abrir mão dele, do amor que sinto.

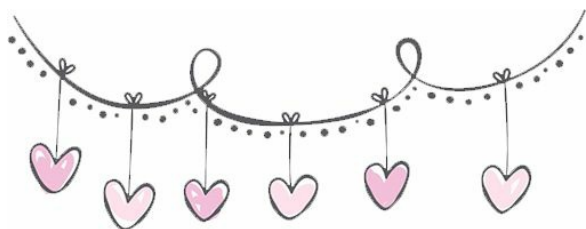
— Meu pequeno. Eu te amo, Lucas. Sempre vou amar.

— Mamã. — resmunga em seu sono.

— Sonhando com a mamãe, assim como a mamãe sonha com você.

— digo por que é a mais pura verdade.
Lucas faz parte de todos os meus sonhos,
sempre fará.

Cansada, nos cubro e permito-
me descansar.



Capítulo 4

Debora

Nunca achei que seria mãe dessa forma, mas agradeço aos céus por Raquel ter deixado o menino comigo. Hoje, não sei do que minha amiga pudesse ser capaz. Se eu não ficasse com seu filho, o que ela faria?

Onde Lucas estaria? Qual futuro meu menino teria?

Não consigo pensar sem sofrer,

sem entender. Quem abre mão assim de uma vida? De uma metade sua? Entendo, muitas mulheres não querem ser mães e tudo bem, mas há tantos meios, tantas formas de evitar uma gravidez indesejada e então...

Não posso pensar dessa forma, foi a gravidez indesejada de Raquel que me trouxe meu filho. Preciso aprender a parar de remoer o passado como prometi que faria. Lucas é minha vida e apenas isso basta. O amor que sinto por ele nos basta. O apoio que recebo dos meus pais nos basta.

Isso é a vida.

Algumas coisas apenas acontecem. E Lucas aconteceu. Não o gerei, não vivi uma gestação, mas o acolhi, meu coração o escolheu e sei que seremos uma boa dupla.

Olho o menino que insiste correr de forma trôpega e suspiro. Vida. Lucas é a minha vida inteirinha. Um mundo de amor e paz. Quanta tranquilidade esse menino me traz. Quanta certeza!

— Cuidado para não se

machucar. — digo e ele sorri de forma sapeca.

— Mamã... — Corre até mim e agarra minhas pernas.

— Sim, bebê. A mamãe está te olhando correr e cair e correr de novo, não é? Você é tão corajoso, meu amor. Não tem medo de cair, não é?

Ele me olha sorrindo, cheio de amor. Amor verdadeiro, puro. Tão único.

— Vamos tomar banho e passear?

O pego do chão, todo suado, cansado e o levo para o banho. Lucas espalha a água por todo canto, me dá um banho, molha tudo ao redor. Logo o visto e o pego para deixá-lo com minha mãe. Nosso passeio diário consiste em visitar a casa da vovó para que a mamãe possa ir trabalhar.

Lucas logo pega no sono e o entrego para minha mãe.

Com um sorriso amoroso ela o acolhe e o nina para que não acorde.

— O dia mal começou e ele já

está cansado? — pergunta e o beija.

— Correu pela casa, mesmo sendo cedo. Ele tem energia de várias crianças e a coragem do mundo inteiro.

— Parece você.

Sorrio.

— Toda criança é assim, mãe.

— Seu filho se parece com você. Quando era uma menininha do tamanho dele, vivia correndo, era cheia de coragem e não tinha medo das quedas. Por isso é tão forte e sempre pronta para enfrentar os desafios que a

vida impõe. É a mulher mais corajosa que conheço e me orgulho disso. Me orgulho da menina que foi, me orgulho da mãe que é, mas principalmente, me orgulho da mulher que se transformou.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Detesto chorar.

— Não chora, Debora. Precisa ir trabalhar.

— Preciso. E ainda é cedo para me fazer chorar.

— Apenas disse a verdade. É mãe, sabe o que sinto.

— Mãe... — Com meu olhar assustado pergunto em silêncio o que todos os dias questiono. E se ele descobrir?

Ela sorri de modo fraco e me beija a testa.

— Vá, esqueça seus medos. É corajosa. Vá ensinar aqueles pequenos e então volte para o seu.

— Obrigada por olhá-lo.

— Sempre que precisar.

Me despeço dela e vou trabalhar.

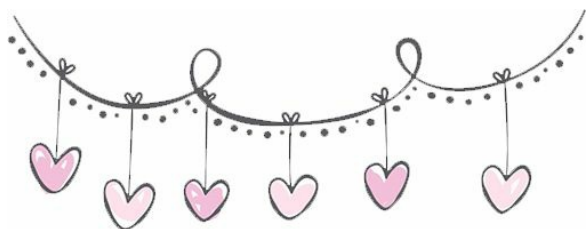
Passo a manhã focada nos meus pequenos, mas é só chegar em casa que meu coração se aperta.

Nunca imaginei que minha vida mudaria dessa forma. Nunca imaginei que seria mãe da forma que fui.

Aprendi a amar meu filho. Aprendi a cuidar, proteger e estou aprendendo o que significa educar.

A vida é engraçada. Nem sempre ela nos leva por caminhos fáceis, às vezes eles são duros, às vezes são difíceis de compreender, mas a

verdade é que apesar de tudo, a vida, o destino, sempre sabe de tudo.



Capítulo 5

Miguel

Todos me achavam um completo e total cafajeste. Um puto sem coração que só sabia comer mulheres por aí sem pensar e sem sentir nada.

Eu sentia.

Prazer.

Mas isso não vem ao caso. Sempre fui sincero sobre tudo o que vivia, com todas que vivia. Eu não

quero um relacionamento, não quero um amor. Acho lindo o sentimento, mas não quero. Não hoje, não amanhã, quem sabe um dia?

Apenas não vivo buscando isso. Estou focado na minha estruturação profissional, minha carreira é o meu amor. A quem sou fiel.

No entanto, não sou um safado como todas adoram pintar. Deixo claro que juntos teremos prazer. Muito. Mas não repito. Nunca. E não por sacanagem, mas porque sempre querem mais. E querer mais é algo que me assusta e me

afasta pra caralho.

Eu fujo de relacionamentos como o diabo foge da cruz. Sou muito sincero quanto a isso.

Não adianta choros, mensagens, tentativas de encontro. Não adianta falar, cobrar, desejar. Eu NÃO quero um relacionamento. Mas elas não entendem.

E eu?

Saio como o puto. O safado. Canalha. Cafajeste. O sem-vergonha.

Se ligo?

Não.

Sei bem quem sou. Sei bem o que quero e não vai ser a opinião de ninguém que mudará isso. Não vai ser as confusões em que me colocam que mudará quem sou.

— Pode prestar atenção? —
Maria Luana me chama de volta e olho o relatório que ela faz questão de exhibir e conferir comigo como se eu ligasse se ela está pagando ou não o dinheiro que emprestei para a clínica.

— Hmmm....

— Não se importa, Miguel.

— Não.

— Deveria. É seu dinheiro.

— Dinheiro que eu poderia ter te dado, você é como uma irmã, Malu. Não me importa se está pagando.

— Já paguei. O relatório mostra que a última parcela está quitada.

— Uau. Que ótimo. Poderia ter usado para investir cada vez mais.

— Não vou discutir isso, seu esnobe do caralho. Cresça com suas próprias pernas, seu esforço, sabe o que é isso? É o mantra que levo na clínica.

— Leva a sério. Além de conseguir pagar o "empréstimo" conseguiu expandir e melhorar ainda mais o lugar.

— Sim.

— Estou orgulhoso.

Ela sorri. Maria Luana cresceu ao meu lado, está casada, mas para mim parece a mesma menina de sempre. Acho que todos nós parecemos um pouco. Embora ela esteja sendo a mais madura de todos nós.

— Obrigada por tudo. Você é o

melhor amigo, quase irmão, compadre, primo que uma pessoa poderia ter. Sou sortuda por ter você ao meu lado.

— Vai me apresentar a nova veterinária da clínica? — pergunto por que a veterinária é gata e eu gostaria de tê-la, não miando, mas gritando ao meu lado.

— Não.

— Malu...

— Miguel, seus rolos devem ficar longe de negócios. Lembro bem de tudo que já passamos.

— Mulheres...

— Homens...

Minutos depois, Malu me abraça apertado e sai do meu escritório. Caminho até a janela que dá para a vista da cidade e sorrio.

Putá merda. Consegui em pouco tempo criar um nome, formar um escritório de peso. Tudo sozinho.

Muitos acharam que por ser filho de político teria tudo de mãos beijadas, sem esforço, mas esse escritório tem tanto suor meu. Há tantos

sacrifícios, tantas renúncias.

Caminhar com as próprias pernas, com esforço próprio. Foi isso que fiz, que faço diariamente.

Sim, para isso precisei focar. Continuo morando na casa dos meus pais depois de adulto. Ouvindo reclamações por isso, ouvindo o quanto poderia estar morando sozinho ou construindo uma família, como se a minha não fosse eles. Não ligo para nada disso, estou economizando, investindo, colhendo aos poucos frutos de anos de trabalho duro. Trabalho que

não tenho medo de fazer.

Pego a mochila que deixo jogada embaixo da minha mesa e sigo para o carro. O mesmo carro velho que tenho desde que saí da faculdade e vou para casa.

Quando estaciono, suspiro, tomo coragem e subo para enfrentar por mais um dia, as cobranças da minha mãe.

Se eu reclamo?

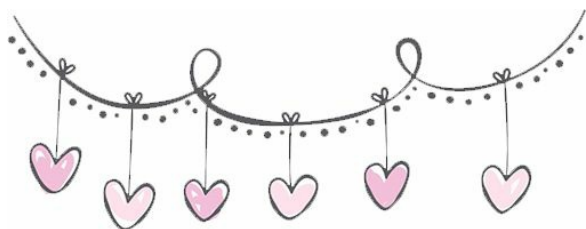
Não.

Porque no momento, não

trocaria o que tenho por nada.

E o que tenho?

Um lugar seguro para onde
voltar.



Capítulo 6

Debora

Dias e meses se passam. A vida seguindo, o tempo correndo, o medo dentro de mim aumentando. Sempre achei que um dia não iria mais senti-lo, mas há momentos em que olho para Lucas e me pergunto se tudo um dia irá ruir.

Oro todos os dias para que não aconteça, mas sinto todos os dias que

está perto. Cada vez mais perto.

O medo, ao invés de diminuir está aumentando. Será que a vida está me dando dicas?

O que posso fazer a essa altura do campeonato?

Não irei abrir mão do meu filho, não posso, não quero, não vou.

Mas então por que sinto o meu peito apertar? Por que não consigo relaxar?

Será que irei viver uma vida de medo?

— Escolheu o caminho que deseja seguir, Debora. Não há como voltar atrás. Ou esquece essa parte ou nunca será feliz. — minha mãe diz ao entender mais uma vez para onde meus pensamentos estão seguindo.

— Eu sei, mãe. Só... É difícil.

— Eu sei, mas disse que não teria medo. Disse que ele seria tudo para você, então apenas esqueça. Não é porque ele se parece com o pai que em qualquer esbarrão ele descobrirá. Ou entende isso e segue a vida ou nunca terá paz e uma vida sem paz é uma vida

miserável. Quer que sua vida seja assim?

— Não.

— Então pare de pensar em coisas assim e viva. Você tem um garotinho lindo e é uma mãe exemplar. O que está esperando?

— Nada. Estou vivendo.

— Está, mas ainda se perde no medo.

— Não se perderia?

— Ah, Debora. Acha que um cara que transou com sua melhor amiga

irá para lembrar de você? Alguém que ele nunca viu na vida? Raquel poderia trazer uma lembrança para ele, mas sabemos que ela está perdida pelo mundo vivendo a vida que sempre sonhou.

— Tem razão. Quem sou para que Miguel me olhe uma segunda vez?

— A mãe do filho dele.

— Está me confundindo. É para ser algo ou não para ele?

— Como ser algo se ele não te conhece? É isso que estou falando.

Decida-se porque não dá para viver um ano tendo certeza de que nada acontecerá e no outro com medo. Um dia está tranquila, no outro enlouquecendo. Não dá para ter sanidade dessa forma, filha. Coloque um maldito ponto final nisso e siga. Cadê a mulher que chegou em minha casa determinada a ser mãe desse menino e sem medo de nada?

Horas depois da minha mãe ir embora, permito que pela última vez o medo se transforme em lágrimas. Permito que a maior angústia que há em mim saia. Transborde por meus olhos.

Choro, pela última vez com medo.

A partir de agora, o medo não fará parte da minha vida.

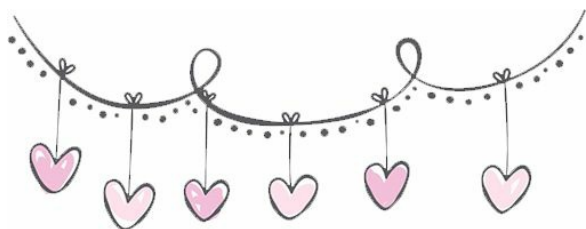
Agora, realmente seremos Lucas e eu, prontos para enfrentar o mundo.

Não importa o que enfrentaremos, estaremos juntos e nada será capaz de mudar isso.

Respiro fundo, acalmando meu corpo, minha mente e meu coração.

Por dois anos vivi entre certezas e medo, mas a partir de hoje,

apenas a certeza estará comigo.



Capítulo 7

Miguel

~ Alguns anos depois ~

Minha rotina de trabalho é puxada. Puxada pra caralho. O dia começa cedo e se estende até eu finalmente dizer chega. Para desestressar sobra então meus rolos. Os encontros casuais que fazem parte da minha vida há anos e que tanto irrita

meus pais.

Dizer que acabam bem seria mentir. Nem sempre consigo finalizar tudo como deveria, não por não deixar claro, mas por um bendito sentimento que nasce no coração das mulheres: expectativas.

O bichinho nasce do nada, cresce assustadoramente e faz com que cometam ações inexplicáveis. Como surtar e bater na minha amiga, invadir minha casa, achar que estamos em um relacionamento porque tivemos apenas uma noite.

Se eu entendo? Não.

Não consigo entender como a expectativa pode surgir se nunca fiz promessas. Não entendo como algo que deveria ser simples, comigo é sempre tão complicado. Mas não me importo também. Minha única preocupação é conseguir dar prosseguimento ao meu trabalho.

É nele que penso todos os dias. E se sou um filho da puta por não me importar com sentimentos, o que posso fazer? Nesse momento estou casado com minha carreira.

— Filho, não acha que está na hora de aquietar? De construir algo mais do que uma simples carreira? — Ouço a voz da minha mãe e paro de comer.

— Simples carreira? Não, não é uma simples carreira. É a minha carreira, é o que amo. Estou construindo algo meu, com meu próprio esforço e desmerece. Para quê? Não vai me fazer mudar de opinião agora. Se está chateada porque não saí da sua casa, mamãe, é só me dizer.

— Não começa, Miguel. Sabe que amo ter você aqui, mas precisa ter

um rumo.

— Ter um rumo não significa ter alguém. Em que ano acha que estamos? Estou feliz sozinho, eu sou feliz sozinho.

— Ninguém é feliz sozinho. — diz e me chateio ainda mais.

— Tem falando com a tia? É isso? Sei que ela quer que as Marias que restaram em casa tomem rumo, mas estamos tomando mãe. Estamos felizes construindo carreiras incríveis. Sabe o que já consegui?

— Sei. Seu nome tem brilhando pelas revistas. Tem sido citado como o empresário do ano, tem conquistado tantas coisas e isso é incrível, mas precisa ter uma família.

— Eu tenho uma família!

— Esposa, filhos. Algo seu. Seu legado.

— Não estou em busca de um legado, estou buscando ser feliz! Por que insistem tanto em fazer cobranças?

— Talvez porque queremos o bem dos nossos filhos.

— Porra nenhuma.

— Olha a boca Miguel. Sinto muito se o machuquei com as cobranças, não voltará a acontecer, mas respeite a minha casa e acima de tudo me respeite. Ou eu vou pegar um sabão e esfregar tanto em sua boca que vai passar o resto da sua vida arrotando espuma.

Não consigo resistir. Sorrio, gargalhadas escapam do meus lábios e vejo minha mãe me olhar irritada.

— Seu filho de uma... — Ela passa por mim e bate com força em

minha cabeça. Da mesma forma que fazia quando eu era apenas um adolescente pirracento.

Porra.

Doeu.

Depois do conturbado jantar, me deito em minha cama e observo o teto. Será que realmente estou cem por cento feliz?

Sim. Eu estou.

As palavras da minha mãe mexeram comigo a ponto de me fazer mudar de ideia? Não. Então por que

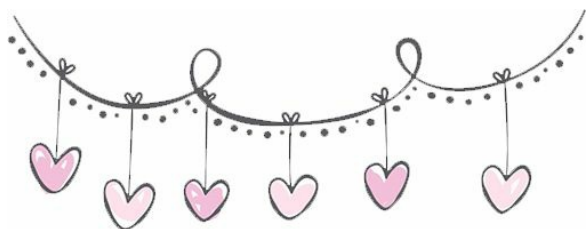
porra não consigo parar de pensar que além de ser bom na carreira eu posso ser uma boa companhia?

Eu posso, certo?

— Fala sério. Eu posso ser a porra do príncipe encantado se quiser.
— resmungo.

Meu celular toca e vejo mensagem da Bruninha. Sorrio ao perceber que o tempo passou, mas não parei de chamá-las no diminutivo. Levanto-me, tomo um banho, pego a chave do carro e vou encontrar a mulher

que não quer terminar a noite sozinha.



Capítulo 8

Debora

Olho para Lucas brincando na quadra da escola em que trabalho e ele estuda e sorrio. Embora tenha idealizado nossa vida, sonhado com ele aqui, ao meu lado, nunca imaginei que seria assim. Momentos de descobertas sem fim, alegrias, choros, manhas e dengos. Lutas e conquistas vividas por nós numa intensidade que nunca vivi.

Quando penso que há cinco anos minha vida estava diferente, eu era uma garota medrosa com um bebê para criar. Um menino que ganhei de presente e iluminou minha vida. A vida não foi, ou melhor, não é fácil para nós. Muitas vezes me perguntei se estava fazendo o certo. Era correto decidir mudar o rumo da vida do meu filho? Eu sabia, sempre soube que cometi erros, mas nunca me arrependeria, eu jamais me arrependeria da decisão de tê-lo para mim.

— Mamãe, viu meu gol? —
Lucas corre até mim e sorrio. Meu

pequeno adora jogar bola com os coleguinhas e é engraçado de ver, eles levam mais dribles da bola do que conseguem fazer, mas é emocionante vê-los correr, suar e gritar a cada momento.

— Um gol muito bonito.

— Especial. — diz ao me abraçar apertado quando o coloco no colo.

— Hmmm... especial. Posso saber por quê?

— Fiz um gol para a mamãe.

— Um gol realmente especial.

Muito lindo. Lindo como o melhor jogador do mundo inteirinho.

— Eu, mamãe, eu! — Levanta os braços e sorrio.

Com um pequeno suado, vermelho e feliz, caminho para fora. Paro quando a vejo. Meu coração acelera. Minhas mãos tremem. Por medo aperto meu pequeno mais forte.

Raquel caminha até onde estamos, para diante de mim e sorri. Suas mãos se esticam e tocam os cabelos do menino que um dia não quis.

— Olá, Debora. Oi Lucas! —
diz e a observo.

Lucas vira-se para ela e sorri.

— Oh, você está um menino
muito lindo.

Meu filho a olha em silêncio,
me olha e suspiro.

— Achei que nunca mais
voltaria. Disse que não voltaria. — digo
e minha melhor, ou seria ex, melhor
amiga sorri.

— Não precisa ficar nervosa,
Debora. Não voltei para tomá-lo ou

qualquer coisa parecida. É seu. Seu filho. Voltei apenas para vê-los. Saber se estão bem, não quero me desculpar por uma decisão que tomei consciente e que nós duas sabemos ter sido a melhor. É minha amiga, minha irmã, acha mesmo que eu deveria insistir em criar um bebê que não amaria, não me dedicaria como ele merecia?

— Realmente. Não a julgo, Raquel. Escolhas são feitas e ninguém pode obrigá-la a ser o que não deseja ser. Eu o amo com todo o meu coração e nada vai mudar isso.

— Podemos ir para casa? Ter uma conversa normal, matar a saudade? Colocar a conversa em dia?

— Não a julgo, mas não sei se estou pronta. Sumiu por cinco longos anos e então volta como se continuássemos melhores amigas?

— Podemos continuar sendo.

A observo e respiro fundo. Volto a caminhar e ela segue ao meu lado.

— Ele é realmente muito lindo. Vi algumas fotos que postou dele, mas é

bem contida.

— Gosto de manter a privacidade dele. É um menino apenas.

— Entendo.

— Por que voltou? — pergunto quando entramos em uma sorveteria.

— Estava com saudades. Curiosa e sozinha. Queria sentir um pouco do que era ter alguém ao meu lado. Nunca criei laços como fiz com você e sua família, sabe disso.

— Queria tanto a liberdade que achei que não bastávamos para você.

— Ao contrário. São a única família que tenho, tinha. Abrir mão dele porque sabia que seria muito melhor do que eu, seria quem ele merecia. Não fiz por odiá-lo, como odiaria? Posso não o ver como um filho, posso não desejar um filho, mas reconheço que algo dentro de mim entendeu que precisava renunciar para que fosse feliz.

— Agora vai dizer que foi o instinto materno?

— Chame como quiser.

— Impossível. Lembra das

palavras que usou? Não o queria.

— Continuo não querendo ter um filho.

— Mas tem.

— Não tenho. Eu gerei uma criança, mas ele não tem laços comigo, não sabe quem sou, não me ama como te ama, não é meu.

— Eu entendo e ao mesmo tempo não entendo nada. Queria te bater por ser tão individualista, mas entendo o que sente. Não quero ser como a maioria das pessoas que acham que mulheres

nasceram para ser mães a todo custo, mas quando o olho indefeso, quando o olho sorrindo, não consigo compreender como não amar e querer para si.

— É a mãe dele, Debora.

— Sou.

Raquel sorri e brinca com Lucas.

Ela conta um pouco como foi sua vida nos últimos anos. De forma superficial me atualiza sobre quem se tornou. Com receio conto pouquíssimo sobre nós.

Raquel continua falando sobre si, sua vida, seus planos, seus sonhos e mesmo que exista uma distância entre nós, sinto como se a conhecesse novamente.

Por um momento eu relaxo e a ouço. Então eu o vejo.

Miguel está entrando na sorveteria acompanhado de uma mulher. Eles sorriem, por um instante seu olhar cruza com o meu. Não há nada de errado nisso, mas estou nervosa. Quero pegar Lucas e correr para longe. Então ele olha para Raquel e sorri.

Ele a reconhece.

Caminha até nós.

— Raquel, não é? — pergunta e a olha. Minha amiga me olha. Meu coração está batendo tão forte. Lucas continua entregue na bagunça que é tomar sorvete.

— Sim. — ela responde.

— Nos conhecemos? — me questiona.

— Não. — respondo e começo a pegar minhas coisas. — Raquel, eu...

— Entendo. — Ela entende o

que estou dizendo e começa a me ajudar a organizar tudo. Derrubo minha taça de sorvete e xingo. Lucas começa a chorar quando o pego da cadeirinha que a sorveteria o acomodou.

— Merda. — digo.

Miguel apenas nos observa. Quando finalmente conseguimos sair dali sem destruir o local, olho para trás.

Ele continua nos olhando. Confuso, curioso.

— Merda, Raquel. Hoje é o dia de surpresas desagradáveis?

— Sou uma surpresa desagradável?

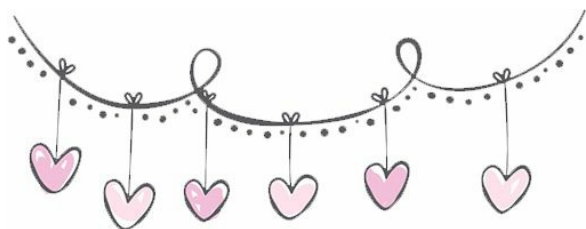
— Não leva ao pé da letra, apenas... como ele pode lembrar de você?

— Não faço ideia, não mantemos contato, Miguel não repete encontros, mas esquece. Isso não significa nada.

— Se você diz. — resmungo e caminho para casa.

Raquel continua caminhando comigo, reclamando que já podia ter

comprando um carro, que não sei como
aguento caminhar tanto. A deixo falar o
que quiser, meu coração não está nas
bobagens que está saindo de sua boca.
Agora, meu coração é medo. Puro medo.



Capítulo 9

Miguel

Vou para a mesa que Maria Eduarda escolheu e sento-me sem entender o que aconteceu.

— Você viu o que aconteceu?
— pergunto.

— Vi. Você conseguiu colocar duas mulheres e uma criança para fora da sorveteria. Fez uma quebrar uma taça, fazer uma bagunça louca e sair

como se você fosse o diabo.

— Estranho, não é?

— Um pouco. Normalmente elas te atacam, querem você e elas queriam distância.

— Estranho. Lembro da Raquel.

— Isso sim é realmente estranho. E nem a chamou no diminutivo.

— Ela foi um caso antigo, é muito antigo. Uma noite. Lembrei do seu nome, mas nunca fugiram de mim. E o menino? Ficou assustado.

— Não começa Miguel! Elas apenas não queriam contato com você.

— Por quê?

— Não faço ideia! Agora, esquece isso e pede logo.

Faço o que pede. Solicito os sorvetes que Madu tanto queria, mas não consigo entender. Por que elas fugiriam de mim? O que diabo as assustou? A assustou, já que a desconhecida foi a mais estranha.

Volto a atenção para Madu e a observo devorar o sorvete. O que uma

TPM não faz? Eu deveria estar acostumado, afinal, há anos sofro com Madu. A mais quieta das Marias é a que mais sofre com o período. E como sei disso? É a única que realmente me procura para sair para comer, chorar, reclamar e tudo mais todo mês. Eu deveria até ganhar uma porra de uma medalha por isso.

— Pensando bem, Miguel. É muito estranho que a menina tenha ficado nervosa com sua presença e saído tão agarrada ao menino. Tem certeza de que não transou com ela?

— Absoluta.

— Você nem lembra.

— Ah, eu lembro sim. Posso não lembrar todos os nomes, mas os rostos...

— Que nojento.

— Diz isso porque não transa.

— Não sabe disso.

— Quer mesmo mentir para mim?

— Não. Já faz muito tempo.

— Acha que devo deixar para lá?

— O que mais pode fazer?

— Sei lá, saber o que posso ter feito.

— Com certeza transou com elas e não deu mais as caras.

— Não foi com elas, já disse, foi só a Raquel.

Pego o celular e procuro por Raquel nas redes sociais. Acho o perfil e vejo que as fotos com a fugitiva eram antigas. Há mais de cinco anos. Procuro pelo perfil de Debora, como Raquel a identificou, mas suas contas são

privadas e não consigo ver nada.

— Todas fechadas.

— Pede para seguir.

— Você acha mesmo que fugindo de mim como fez, ela vai me permitir segui-la nas redes sociais?

— Ela não é idiota.

— Eu não estou te entendendo hoje, de verdade, Madu. Está mais louca que o normal.

— Não me chama de louca. — reclama e vai pagar o sorvete. Cinco minutos depois ela volta — O moço

disse que a fugitiva às vezes vem aqui com o menino. Ela é professora e trabalha numa escola aqui perto.

— Obrigado.

— Vou querer saber de tudo.

— Feito.

Deixo Madu em casa e aproveito para pesquisar mais sobre Raquel. É tarde quando eu finalmente percebo que posso estar ficando louco. O que estou fazendo? Pesquisando sobre elas só porque fugiram de mim?

Jogo o celular de lado. Porra

de curiosidade que me consome.



Duas semanas depois estou parado na porta da escola vendo Debora e um menino caminharem para fora. Volto outros três dias e em nenhum deles Raquel aparece. Volto a sorveteira e lá estão elas.

Dessa vez sozinhas as duas conversas tão concentradas que não me veem passar. Sento-me em uma mesa

atrás delas e ouço um pouco da conversa.

— É apenas surreal que você tenha voltado e no mesmo dia ele tenha aparecido. — Debora diz cheia de julgamentos.

— Já expliquei o motivo da minha volta. Logo estou indo embora. Não pode me aceitar na sua vida, tudo bem. Mas achar que eu o traria até você? Se eu quisesse que ele soubesse do menino tinha deixado com ele, não acha? Acha mesmo que eu teria mostrado minhas pernas para um juiz

para te deixar o menino se depois... já te disse mil vezes, Debora. Ele é seu filho.

— Ele é, mas também é dele. E se ele souber que tudo....

— Aqui está seu pedido. — O garçom diz alto e Raquel me olha. Pela primeira vez vejo medo em seus olhos.

— Que porra. — A ouço dizer. Ela se levanta, Debora me olha e se apavora.

Raquel caminha até onde estou e senta-se sorrindo ao meu lado.

— Olá, Miguel. — diz de

forma sensual.

— Raquel.

— Está nos seguindo?

— Deveria?

— O que está fazendo Miguel?

— Tomando um sorvete.

— Ouvindo nossa conversa.

— Confesso que ouvi um pouco.

— Que feio, nunca te ensinaram a não ouvir o que não te importa?

— Nunca te falaram para não falar determinadas coisas em público?

Estou apenas tomando um sorvete, que mal tem Raquel? Aliás, são vocês duas que estão estranhas.

— Raquel... — Debora chama — vamos embora.

Raquel volta-se para mim, sorri e então vai embora. Se eu já estava confuso e curioso, agora estou muito mais.

Decidido a entender o que tanto elas escondem, ou do que tanto fogem, faço algo que nunca pensei ser capaz de fazer.

— Pai? Preciso de um favor. —
digo assim que ele atende o telefone.

— Boa tarde, Miguel.

— Meus modos não serão
perfeitos hoje. Preciso do contato do
investigador.

— Miguel....

— Sei que é um contato seguro,
algo que nunca usou, mas preciso.

— Pode me contar para quê?
— pergunta.

— Ainda não.

— Espero que não esteja

fazendo uma loucura. Vou desligar e mandar por mensagem.

Aguardo ansioso e após receber o número do cara, entro em contato.

Finalmente vou descobrir o que tanto aconteceu.

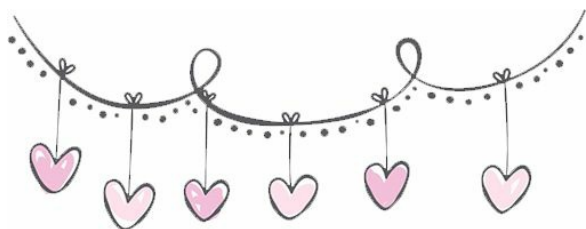
Se Debora e Raquel acham que eu sou idiota eu vou mostrar que não sou. Posso ser safado, mas idiota não.

Ninguém nunca agiu comigo como elas estão agindo e elas realmente esperam que eu continue parado? Eu

quero entender por que porra fogem. Não pode ser apenas por uma noite. Aliás, Raquel parece não se importar mesmo com isso. Então, não. Não vou ficar parado enquanto duas mulheres fogem de mim como se eu fosse o bicho papão.

Seja lá o que for que me escondem, eu vou descobrir.

Ah, se vou.



Capítulo 10

Debora

Entro em casa assustada, nervosa e com pressa. Eu não consigo acreditar no que está acontecendo. Não consigo entender. Raquel entra em seguida.

— Não sei o que está havendo, Debora. Juro que não mantive contato com ele. Nossa única interação aconteceu por um noite, quando

engravidei.

— Ok. Já entendi. Acredito em você. Só que ele agora vai aparecer em todos os lugares? É o universo brincando com a gente?

— Demos munição a ele. Nas duas vezes saímos correndo, você nervosa demais para encará-lo.

— Acha que ele percebeu?

— Não ouviu o que ele disse?

— Não muito bem.

— Que nós estávamos estranhas. Sempre fugindo dele. Isso

significa que ele já percebeu que algo está errado.

— Será que ele vai tentar alguma coisa?

— O que poderia tentar? Ele percebeu que há algo estranho, mas isso não significa nada. Precisa ficar calma e levar a vida como sempre foi.

— Diz isso porque é fácil para você. Logo mais suas férias aqui acabam e então irá para Paris novamente.

— Itália. Dessa vez é a Itália.

— Tanto faz.

Sorri. Ela consegue sorrir nesse momento.

— Relaxa. Daqui a pouco sua mãe irá trazer o seu filho, quer que ele perceba que está assim?

— Não.

— Então relaxa.

Faço o que pede, pelo menos tento. Quando Lucas chega meu coração se acalma um pouco mais. Com ajuda de Raquel, dou jantar e banho no meu filho, ela o olha para que possa tomar um banho.

É embaixo da água quente que deixo as lágrimas caírem. Ao mesmo tempo em que as lágrimas descem por meu rosto, sinto meus músculos relaxarem.

Passo bons minutos chorando e me permitindo ter medo. Então engulo o choro, me visto de coragem e saio do banho.

Meu filho precisa de mim.

Ele é meu.

Tão meu quanto dele.

Encontro Raquel ninando

Lucas, o pego de seus braços e levo para a cama. Quando volto, a encontro com duas taças de vinho me esperando na sala.

— Já chorou, agora relaxa. Vai dar tudo certo. Miguel logo vai nos esquecer. Eu realmente não sei como ele foi capaz de gravar o meu nome.

— E se ele não esquecer?

— Ele vai. Miguel tem problemas maiores para resolver. Tem uma empresa para cuidar, uma vida para viver, acha mesmo que nós duas somos

interessantes para ele?

— Adoro a forma como menospreza o que está acontecendo.

— Nada está acontecendo.

— Mas pode acontecer.

— Não vai acontecer. Quanto mais pensar nisso, mais vai se angustiar. Durante cinco anos Miguel não foi pauta em sua vida.

— Mas o medo ainda está em mim. Durante cinco anos escondi que o sentia e agora tudo volta. Sinto-me prestes a ser descoberta.

— Não fez nada de errado.

Suspiro.

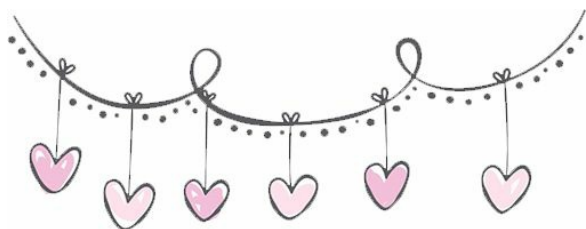
Bebo o vinho e fico em silêncio. Puxo minhas pernas para cima do sofá e apoio o rosto no joelho. Sinto Raquel acariciar meus cabelos e penso em tudo que já vivemos. No quão unidas éramos.

Por um instante, me permito acreditar que nada irá mudar. Por um momento, me permito sonhar que nossa vida não mudará. No entanto, no fundo, eu sei que é questão de tempo e minha

vida irá ruir.

Eu só espero não enlouquecer
no processo.

Eu só espero que minha alma
não seja arrancada do meu peito e
espero que meu coração saia vivo disso
tudo.



Capítulo 11

Miguel

Um mês é o suficiente para o investigador desenterrar uma parte do passado de Raquel e consequentemente de Debora. Não pedi que checasse grandes fatos, queria apenas a razão. Mas quando ele me trouxe mais do que pedi, senti meu corpo tremer.

Raiva e decepção me invadiram. E precisei lutar contra a

vontade de ir até elas e gritar verdades duras.

Há dois dias me seguro, há dois dias eu venho para o trabalho e não trabalho. E é assim que novamente, olho a paisagem que meu escritório permite. Penso na vida e percebo que não sei o que fazer.

Há dois dias eu bebo copos do uísque que guardo apenas para os clientes e me permito sentir o vazio.

Irritado por perceber que fui enganado, joga o copo contra a parede.

Ouço a porta se abrir e viro-me para ver quem está entrando.

— Oi. Eu...

— Oi, Madu.

— Algo aconteceu?

— Tudo aconteceu.

— Você bebeu? — Olha de mim para o copo e a puxo para mim.

A abraço forte, apertado, tentando curar a raiva e a dor que se infiltrou em meu coração há dois dias.

— Foi o investigador? Te deram algo?

— Achei que estava ficando maluco. Por que investigar duas mulheres que apenas fugiram de mim? Quantas não fogem?

— E então?

— Então ele me trouxe uma parcela do passado delas e isso me afeta. Isso muda tudo.

— Posso ver o arquivo?

Dou de ombros, abro a gaveta e a deixo ler. Madu lê em silêncio por longos minutos. Então levanta seu rosto e diz:

— O que quer fazer?

— Eu quero matar as duas.

— O que quer fazer, Miguel?

— Eu quero conhecer o menino. Quero ficar frente a frente e perguntar por que ousaram decidir algo tão grande sem me consultar. E então quero matar aquelas duas pela ousadia que tiveram e tomar o que é meu.

— Não é uma coisa.

— Não é.

— Então não fala como se fosse. E para de dizer que quer matá-las.

— Não sabe como tenho me sentido.

— Não. Mas imagino.

— Vou até elas, Madu. E vou fazer da vida delas um inferno.

— E conseqüentemente a dele.

— Para de ser coerente. Me diz que estou certo.

— Sua revolta é válida. Está certo em estar revoltado, mas... Ódio nunca leva a nada, Miguel. Sabe disso. Precisam definir coisas importantes. Importantes a ponto de mudar vidas. Ou

faz tudo de forma coerente ou vai sofrer e causar sofrimento.

— Quero conhecê-lo. Amá-lo.

— A tia vai ficar bem feliz.

— Não vou contar agora.

— Mas Miguel...

— Não posso agora, Madu.

Ela me abraça e mais uma vez a aperto contra mim. Sei que nada será como antes.

Sei que não sou um babaca cruel, mas serei capaz de perdoar o que fizeram?

Hoje eu acho que não.



É tarde quando Madu sai do meu escritório. Estou sóbrio, vestindo um terno e cheio de raiva. É assim que desço até meu carro e dirijo até o apartamento no subúrbio da cidade. É assim que subo as escadas até o segundo andar e é assim que encaro a porta.

Respiro pesadamente e finalmente, minutos mais tarde, bato a

porta.

Debora me olha assustada. Ela está parada diante de mim, sabendo que sei. Entro sem ser convidado. Ouço Raquel falando com o menino. Sento-me no sofá e a observo fechar a porta e parar diante de mim.

— Olá, Debora.

— O que quer? — pergunta e sei que apesar da sua pose de forte, está morrendo de medo. Medo do que posso fazer.

— Conversar. Você tem algo

que me pertence.

— Não tenho nada que te pertence.

— Realmente. Você tem alguém que me pertence, alguém que sua louca amiga escondeu e descartou. Alguém que você roubou.

— Está louco? Não roubei nada, ninguém.

— E como explica tudo isso?

Raquel entra na sala e nos olha.

— Puta merda!

A observo.

Putá merda. Eu queria matar essa filha da puta. Mas, ao mesmo tempo, queria agradecer por ter dado ao menino uma mãe exemplar.

Mantenho a pose. Continuamos os três nos encarando. Elas culpadas, eu como um cão raivoso.

É, a vida não é fácil.

— Eu quero o menino.

— Está ficando maluco? Não o conhece.

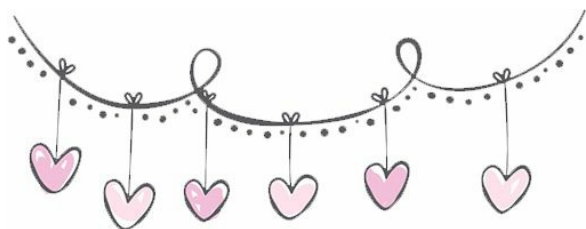
— Eu. Quero. O. Menino. —
repito mais alto.

— E não vai ter porra nenhuma.
Não tem direitos, Miguel.

Sorrio.

— Aquele menino é meu. Esse
filho é meu, porra!

Grito e ouço um resmungo
baixo. Olhamos os três em direção ao
quarto. Silêncio se faz e então voltamos
todos a nos encarar. Que se explodam
elas. Não saio daqui sem o menino.



Capítulo 12

Debora

— Aquele menino é meu. Esse filho é meu, porra! — O ouço dizer.

— Ele é dela. Apenas dela. Por cinco anos ela se sacrificou para cuidar, educar e amar.

— Porque você foi uma puta egoísta que só pensou em você. Não me falou do menino, não o quis. O deu como se fosse qualquer coisa.

— Egoísta? Eu não queria ser mãe, eu não quero. Aconteceu, então eu dei a ele a oportunidade de ter uma mãe que o ama, que daria tudo por ele. O que queria que eu fizesse? Que eu fosse uma mãe ruim? Que eu o tirasse? Em que mundo vive, Miguel? Existem mulheres que não querem filhos isso não faz de nós pessoas egoístas e cruéis. Lucas está tendo a família que merece, recebendo o amor que merece.

— E eu?

— Como pode ter tanta certeza de que é seu? — Raquel diz.

— Raquel. — digo e os dois me olham. — Sabíamos que ia acontecer. Para quê mentir? O que quer ouvir? Que meu filho é seu? Ele é. O que quer fazer agora?

— Eu quero o meu filho.

— Pode vir visitá-lo. — digo e Miguel sorri.

Eu realmente achava que seria fácil?

— Acho que não entendeu. Eu quero o meu filho.

— Sem DNA e ordem da

justiça, esse menino não sai da casa da minha amiga.

— Você quer ser presa? Quer que o juiz te destrua? O DNA? Faço. A briga na justiça? Está ganha.

Merda. Ele tem razão, ou acho que tem.

— Ok. Mas meu filho não sai sem mim.

— Está pronta para arrumar suas malas? Está se mudando hoje. Agora para ser exato.

Raquel me olha aflita.

— Está tudo bem, Raquel. — A tranquilizo. Ela caminha comigo até o quarto, reclamando sobre eu facilmente abrir mão da briga. Mas o que ela quer que eu faça?

Compre uma briga na justiça com um homem rico, que não sabia da existência do filho e que não autorizou a adoção do menino?

— Não sou idiota, Raquel. Isso pode se complicar e não quero perder o Lucas.

— Ok. Você vai ficar bem? Me

liga todos os dias. De manhã, a tarde e à noite. Manda foto também. Suas e do Lucas. Sinto muito.

— Está tudo bem. E o que não está vai ficar.

Minha amiga me ajuda a organizar as coisas do meu filho. Chegamos a sala com o menino e as malas. Miguel nos olha por um instante, perdido e então se levanta caminhando até Lucas.

Ele sorri para o meu filho. Nosso filho. Lucas o observa, e então

sorri.

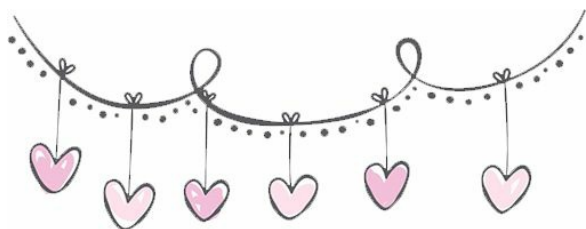
— Que menino simpático. —
diz. — Posso? — Estende os braços e o
deixo ir para o colo dele.

A interação entre os dois é
mágica. Lucas não o estranha. Miguel se
apaixona. Sei que sim. Me apaixonei por
Lucas quando ele ainda estava no ventre
da Raquel.

Os observo e me sinto culpada
por ter roubado cinco anos deles. Sinto-
me culpada. Uma ladra.

Roubei uma parte da vida deles

e agora preciso viver com a culpa.



Capítulo 13

Miguel

Sinto meu coração acelerar. Pego Lucas no colo e sinto como se minha vida estivesse mudando. Ganhando um novo tom. Um novo rumo, uma nova etapa.

De alguma forma entendo que posso amá-lo mais do que tudo.

Com cuidado entrego meu filho para Debora. Filho. Meu filho. Que

mundo louco. Eu tenho um filho.

No carro, como não temos cadeirinha, Debora se senta no banco de trás e o aninha em seu colo. Dirijo com cuidado até um bom hotel. Quando desço ela me olha, mas sem questionar me segue.

Longos minutos após o check-in subimos para o quarto. Ela coloca Lucas na cama e ele dorme tranquilamente.

— Então fez questão que nós dois saíssemos de casa para dormir em um hotel? É aqui que vamos morar? —

questiona de forma petulante.

— O que queria? Ir comigo para a casa dos meus pais? Explicar a eles como teve coragem de esconder meu filho de mim?

Ela fica sem jeito.

— Já foi enganada, Debora? Traída?

— Como acha que me senti quando descobri que tinha adotado o filho da minha melhor amiga sem saber?

— Acha mesmo que acredito nessa inocência fingida?

— Por que eu mentiria? Raquel dormiu com um juiz, conseguiu os papéis e sumiu no mundo. Fui mãe desde então.

— Então sabe como dói. Mas será que sabe como é descobrir que teve um filho e te roubaram o direito de conhecê-lo?

— Não.

— Pensou em mim?

— Quer que eu diga que sim? Sim, pensei. Mas pensei que com o dinheiro que tem, com as oportunidades

que possuí, o tiraria de mim sem dó. E olha, eu estava certa.

— Será? Será que eu realmente seria cruel? Será que não teríamos conversado e visto o melhor para ele? Não sabemos, Debora. E não sabemos por que você não me permitiu isso. Não me permitiu o benefício da dúvida.

— Eu não podia arriscar. Eu tinha, não, eu tenho medo de perder o meu filho. Ele é tudo que eu mais amo, tudo pelo qual eu luto, é tudo para mim. E saber que posso perdê-lo é como a morte. Se tirá-lo de mim, estará tirando

o chão dos meus pés, matando meu coração, arrancando minha alma do corpo.

— Pode ser, mas não acredito nessa ingenuidade toda. No entanto, de uma coisa tenho certeza, interesseira você não é. Ou teria vindo para mim assim que ficou com ele.

— Não quero seu dinheiro, nunca quis. Sabe quantas vezes me culpei por tirar do Lucas boas oportunidades? Um plano de saúde melhor, brinquedos e roupas das melhores marcas, no futuro, uma boa

universidade. Eu pensei. Me culpei. Me culpo. Mas às vezes o medo e o amor falam mais alto.

— Seu amor podia ter falado mais alto na hora de permitir que ele tivesse acesso a tudo isso.

— Errei. Pessoas erram. Pais e mães também. Erramos tentando acertar. Fui egoísta. Pensei no quanto sofreria se perdesse o meu filho, mas o amo. Nunca duvide do amor que sinto por ele. Nunca duvide disso.

— Podemos fazer o teste

amanhã, o resultado sai em quinze dias. Durante esses quinze dias ficamos aqui. E então resolvo nossa vida.

— Engraçado... Escondi a existência do meu filho de você por medo de como resolveríamos isso, mas hoje, cinco anos depois, meu destino continua em suas mãos.

— Nossas vidas irão mudar. A minha, a sua, a dele. Podemos fazer com que mude para o bem. Podemos dar a ele uma vida incrível, podemos dar amor, podemos ser pais unidos e podemos brigar. Estou chateado, puto,

mas não quero fazer disso um inferno. Quero ter a chance de ser feliz e fazê-lo feliz. Se você está em nosso meio, tudo bem.

Debora sorri e sei que seu amor por Lucas é sincero. Sei que por ele, ela faria tudo. Absolutamente tudo.

A olhando, sei que se o DNA realmente confirmar que ele é meu, ela fará o possível para sermos felizes.

Uma ideia se forma em minha mente e olho mais atento Debora caminhar pelo quarto.

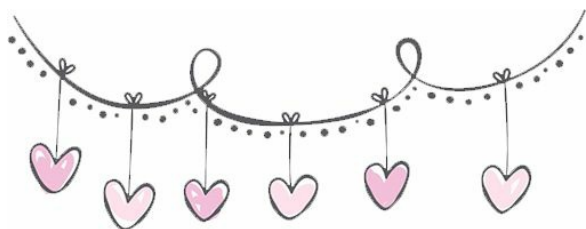
Ela é jovem, apenas um pouco mais jovem do que eu. É amorosa com Lucas, amiga leal, já que acolheu Raquel novamente, e linda. Linda o bastante para me fazer pensar coisas que não deveria.

O que estou fazendo?

Ficando louco?

Talvez.

Mas tenho um plano para criar o meu filho. E ela? Está incluída nele.



Capítulo 14

Debora

Passo a noite me revirando na cama. Observo com cuidado Lucas dormir por toda a noite. Embora esteja cansada, não consigo pregar o olho. Não consigo relaxar e apenas dormir. Então fico durante toda a noite deitada ao lado do meu menino, observando-o dormir, me revirando na cama e pensando sobre nossas vidas.

Acordamos cedo. Lucas estranha o lugar, chora, mas logo se aquieta, mostrando o quanto é bom.

O arrumo e o deixo na cama, brincando enquanto tomo um banho rápido. Peço o café e tomamos juntos.

Estou terminando sua mochila quando Miguel entra no quarto pela porta adjacente.

— Para onde acha que vai? — pergunta e Lucas o olha.

— Pensei em levá-lo a escola.
E então...

— Vamos fazer o teste daqui a pouco.

Suspiro.

Caminhamos juntos para o carro, Miguel tenta falar com Lucas, mas meu filho apenas o observa. Chegamos na clínica que fica ao lado do maior hospital da cidade e sinto meu peito apertar.

Dói ver Lucas assustado, e quando terminamos, apenas pego meu filho no colo e saio dali.

— Sinto muito. Não queria

fazê-lo chorar ou assustá-lo.

— Tudo bem. Isso é necessário. Posso levá-lo para a casa dos meus pais? Vou precisar trabalhar e ele fica com meus pais.

— Preferia que ficassem no hotel, mas ... Você promete que no fim do dia você voltará com ele para o hotel?

— Para onde mais eu iria? Você sabe meu endereço, tenho certeza que com um estalar de dedos saberá onde meus pais residem. Então por que

eu fugiria? Estarei lá, Miguel.

— Tudo bem. Posso levá-los ou chamar um táxi.

— Um táxi está ótimo.

Chego na casa dos meus pais e sinto que o dia parece não ter fim. Em meio ao meu medo, opto por não contar aos meus pais o que estou passando. Apenas deixo Lucas e sigo até o colégio.

A diretora me recebe de forma gentil. Sento-me a sua frente e engulo as lágrimas.

— Preciso de folgas. Quinze

dias.

— Algo aconteceu, querida?

— O pai do Lucas apareceu. Descobriu sobre ele de forma maluca. Raquel voltou e esbarramos nele. Não soubemos como agir, ele desconfiou e nos investigou. Ele está esperando o resultado do DNA. Minha vida está pausada até o resultado.

— Sabe que é dele.

— Sim. Mas apenas quando o resultado sair saberei como agir. Ele irá pedir a guardar? Irá nos afastar?

Definiremos visitas? Não sei. Sinto que posso enlouquecer nesses dias e preciso ficar ao lado do meu filho. Pode ser nossos últimos dias juntos e não quero....

Caio no choro. Um choro dolorido, com medo. Minha chefe me abraça, diz que tudo ficará bem e que posso descansar. Faço o caminho mais longo para a casa dos meus pais. Caminho por um longo tempo até que pego meu filho e volto ao hotel.

Brincamos o restante da tarde, quando Lucas cansa, o alimento, dou

banho e o coloco para dormir.

Estou deitada ao seu lado quando ouço batidas na porta. Miguel entra e caminha até o sofá. Ele nos olha atento.

— Tenho uma proposta para fazer. — diz e não me levanto para o encarar.

— Estou ouvindo. — falo e continuo olhando Lucas dormir.

— Casamento.

— Está maluco?

— O que mais poderíamos

fazer?

— Dividir a guarda?

— Quero o meu filho ao meu lado todos os dias. Ao acordar e ao ir dormir. Todo puto dia.

— E casar comigo é a solução?

— Não acha que seria perfeito?
Criaríamos nosso filho juntos.

— Casamento envolve amor, paixão, confiança.

— Tudo isso se conquista.

— Não sabe o que está falando.

— Aceita?

— Há outra solução?

— Vou lutar para reconhecer Lucas como meu. Meus pais vão se meter, será mais fácil apenas criarmos uma história de amor.

Suspiro. Fico longos minutos em silêncio. Minutos suficiente para me questionar se estou louca. Estou?

Acho que sim, afinal, me ouço dizer:

— Quando o resultado sair, marcamos data e horário. Não quero festas. Não quero celebração. Nada.

Apenas uma ida ao juiz de paz e pronto.

— Como preferir.

— E não iremos morar com seus pais.

— Vemos um apartamento, uma casa, o que preferir.

— E sobre sexo... Também não teremos.

— Tem certeza? Acho que podíamos tentar. Vamos passar uma vida sem?

— Agora quer que eu acredite que seria leal?

— Casamento é principalmente um ato de amor e lealdade. Se não teremos amor....

— Que seja. Uma vida em celibato, então.

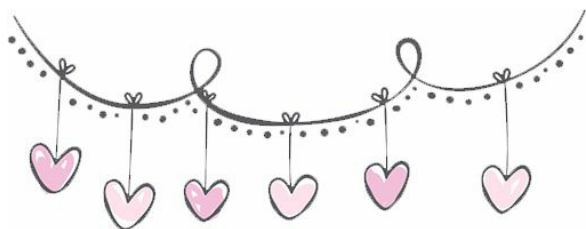
Miguel sorri. O vejo caminhar até a cama, alisar os cabelos de Lucas, beijar a bochecha gordinha e sorrir. Ele me olha. É um instante e sinto meu peito acelerar. Ele me dá um sorriso sacana, se vira e caminha até a porta.

Aproveito para observá-lo. Ele é um homem lindo. Seu corpo é tentador.

Miguel é o tipo de homem que arrasa o coração de muitas mulheres. Um combo perfeito. Gostoso, inteligente, bonito, bem-sucedido.

Eu achava mesmo que poderia passar a vida ao seu lado e não me sentir atraída?

Eu realmente posso estar ficando louca.



Capítulo 15

Miguel

Esperar duas semanas para o resultado do DNA me deixou ansioso pra caralho. Ansioso era pouco. Eu estava morrendo de curiosidade, medo e amor, afinal, em poucos dias Lucas me permitiu conhecê-lo e amá-lo.

Desenvolvemos uma amizade e carinho que era único. O que eu faria se desse negativo?

Não podia pensar nisso. Esse menino já faz parte de mim. E é por isso que suspiro ao pegar o envelope que mudará minha vida.

Abro e então respiro aliviado.

Meu. Lucas é meu.

Caminho para fora da clínica, fecho os olhos e deixo que as lágrimas corram por meu rosto.

Dirijo até o hotel, ao chegar, bato na porta e entro. Debora me olha, há tanta certeza em seu olhar.

— Meu filho. — digo e ela

sorri.

— Parabéns.

— Sinto que minha vida mudou e meu coração não para de bater forte.

— Está pronto para viver os melhores momentos de sua vida?

— Está pronta para estar ao meu lado?

Debora dá de ombro. Sento-me ao seu lado.

— Não quero forçá-la a nada.

— Não está. Mas será o melhor.

— Um casamento arranjado. —
digo e a ouço suspirar.

— Meu filho terá um pai, uma
família maior.

— Obrigado por ser tudo para
ele. Por amar e cuidar dele.

— Ele é tudo para mim.

— Preciso registrá-lo e
apresentá-lo aos meus pais. Minha
família.

— Tudo bem.

— Primeiro organizamos a
certidão dele e então os levo até minha

família. Também precisamos adiantar alguns pontos para o casamento.

— Como desejar.

Longos dias depois, a certidão de nascimento de Lucas é modificada. Os papéis para o casamento estão adiantados e o jantar com meus pais marcado.

Estou analisando um relatório quando as Marias entram em minha sala.

— Sumiu e não deu mais explicação, contei a elas e querem saber mais. — Madu diz ao entrar.

— Tem um filho? Como ele é?

— Malu questiona.

— Tenho e lindo.

— Já contou aos seus pais? —

Maju pergunta.

— Ainda não. Estava organizando a certidão. Já dei entrada nos documentos para o casamento e ...

— Casamento? — Ouço as três perguntarem.

— Decidimos nos casar. Será ótimo para Lucas.

— Está fazendo tudo errado.

Não precisa ser bom apenas para o Lucas. Tem que ser bom para vocês.

— Ela é inteligente, linda, doce. É humilde, é gentil, dedicada. Tem uma conversa maravilhosa, uma paciência gigantesca, um sorriso arrebatador.

— Se apaixonou?

— Não, Maria Eduarda. Só falei a verdade.

— E onde isso envolve o casamento? — Maria Luana pergunta.

— Ela seria a mulher ideal.

Perfeita para mim.

— Um raio caiu na sua cabeça?

— Maju questiona assustada.

— Não. Mas, adoraria ser o raio que cai na Debora. Ela é gostosa.

— Estava demorando.

— Ué, ela é. Acho que podemos nos dar bem.

— Sabemos. — dizem.

Quando finalmente elas saem, recebo de Debora uma foto de Lucas arrumado. Eles estão apenas me esperando para irmos até meus pais.

Um medo me toma. O que eles dirão?

Evito pensar e me preocupar antes da hora. Entro no quarto e os olho. Debora sorri e Lucas corre para me abraçar.

— O papai estava com saudades. — digo. Com a mão livre, puxo Debora para próximo e a olho.

Ela realmente é diferente de todas as mulheres que já conheci, das que já me relacionei.

Durante duas semanas, Debora

e eu nos tornamos amigos. Os dias que se seguiram até que os papéis do casamento e a certidão de Lucas ficassem prontos foram essenciais para nos mostrar que pode dar certo.

Sem medo, eu me aproximo e a beijo. É um beijinho safado, sem tantas intenções. Apenas testando o terreno.

Ela suspira e se afasta.

— Preciso conversar com Raquel. Então, se puder, não me beijar até lá.

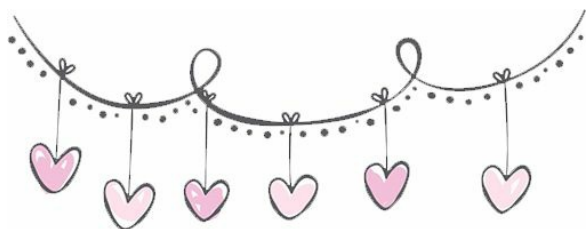
Concordo e continuo olhando-a.

Percebo que Debora pode sim mexer comigo mais do que imaginei. Percebo que me casar com ela é um risco.

Posso perder a porra do meu coração.

Estou realmente pronto para isso?

— Porra! — resmungo baixo porque talvez eu esteja.



Capítulo 16

Debora

Sabíamos que o resultado do exame seria positivo. Sabíamos que nossas vidas mudariam, mas se sabíamos que talvez pudéssemos nos sentir atraídos um pelo outro? Acho que não.

Entro no carro que agora possui uma cadeirinha e fico em silêncio até chegarmos a cada dos pais de Miguel.

Ele me deixa quieta, até que paramos diante da casa imponente do político rico e honesto.

Sinto a mão de Miguel segurar a minha enquanto seguro na mão de Lucas. Nós nos olhamos, Miguel e eu. Seríamos o tipo de casal improvável?

Seríamos bons juntos?

Não sei.

Mas sinto que ele pode ser a pessoa que irá roubar meu coração. E como sinto isso?

Pelo cuidado que tem com o

Lucas. O modo como me respeitou, o modo como aprendeu a me ouvir e entender. Como aprendeu a ser meu amigo.

Em poucos dias conseguimos construir uma amizade, uma pequena base do que podemos construir.

Entramos na casa e acho errado entrar sem sermos comunicados, mas como Miguel ainda mora com os pais, evito pensar nisso.

Uma mulher bem vestida e bonita para diante de nós e nos encara. Um susto. Eu sei.

— Então resolveu voltar para casa e explicar o que anda acontecendo? — pergunta.

— Cadê o pai? — Ouço Miguel perguntar.

— Aqui. — primeiro o escuto e então o vejo.

Os pais do Miguel nos observam.

— Precisamos conversar. — Miguel diz e nos sentamos. — Primeiro gostaria que não fizessem perguntas antes de explicarmos tudo e segundo,

quero que respeitem a minha decisão.

Quando eles concordam, Miguel começa a contar sobre seu caso de uma noite com Raquel, minha melhor amiga, fala sobre ter nos encontrado e sobre sua desconfiança, e por fim, fala da paternidade do Lucas e do casamento.

— Deus ouviu minhas orações e finalmente meu menino está encaminhado. Um filho e uma esposa. — Ouço minha "sogra" dizer e não sei se estou entendendo bem.

— Mãe... Vai assustar a Debora.

Quando Lucas e Miguel vão quarto, meus sogros me olham sérios.

— Há alguma forma da Raquel pedir a guarda do menino? — pergunta o pai de Miguel.

— Não. Ela não quer ser mãe. Nunca quis.

— Poderá amar o meu filho? — Olho o avô de Lucas e entendo o que quer dizer.

— Eu não posso mentir e dizer

que o amo. Mas não vou ser hipócrita e dizer que nunca poderia. Já olhou seu filho?

— Fala com o coração ou com o corpo? Que ele é lindo e safado já sei.

— Falo da alma. Ele chegou brigando por aquele menino sem mesmo saber o resultado do exame. E quando teve a certeza de que era seu, ele o amou. O amou com todo coração. Ele é bom, gentil, inteligente, é um homem que eu claramente me interessaria. Vou deixar a vida acontecer. Aprendi que o tempo mostra tudo e que as coisas

necessárias apenas acontecem. Não vou idealizar a nossa relação, mas não vou sair correndo.

— Para quem disse que teríamos uma vida de celibato começo a achar que podemos até dar irmãos a Lucas.

Gemo. Miguel não tem vergonha na cara. Seu pai sorri. Sua mãe me abraça. E quando finalmente vamos embora, vejo que chegou o momento de falar com as pessoas que sempre estiveram ao meu lado. Os meus pais.

Deixo Lucas com Miguel e caminho até a casa em que cresci.

Encontro meus pais jantando. Quando terminam solto a bomba:

— O Miguel descobriu. Já reconheceu o Lucas, vamos nos casar.

— Há algo mais que queira falar?

— Raquel está em meu apartamento?

— Deus do céu, Debora! Por que não nos falou?

— Estava resolvendo tudo.

Queria fazer o certo.

— Casar-se? Tem certeza?

— Por que não?

— Por que não o ama? Ama?

Sorrio.

— Não. Mas, acho que posso amá-lo.

— Não faça isso se o motivo for apenas o Lucas.

— Não é.

Ouçó os suspiros resignados.

— Tem nossa benção para o precisar, mesmo que não possamos

entender.

Os abraço. Sigo então para meu apartamento. Raquel abre a porta com cara de sono. Olho o relógio e vejo que é tarde. Quase madrugada.

Envio mensagem para Miguel dizendo que estou bem e logo chego e encaro minha amiga.

— Precisamos conversar. —
digo.

— Se apaixonou e quer minha
benção? A tem.

— Ele já organizou a certidão.

Vamos nos casar. Dar uma família para o Lucas.

— Não coloque o menino nisso, Debora. Pense por si mesma!

— Sente algo por ele? —
questiono.

— Perguntou mesmo isso? Não. Claro que não. Pode viver um clichê dos sonhos com ele. Pode construir uma vida, uma família com ele. Se serve de incentivo, o sexo é mais do que bom.

— Era isso que não queria ouvir. Dividir um cara com minha

melhor amiga.

— Argh, Debora! Esquece isso. Se quer um conselho, antes de tudo o conheça bem. E então se entregue. Se achar que pode se apaixonar, se entregue. Minhas férias acabam amanhã.

— Ia sumir de novo?

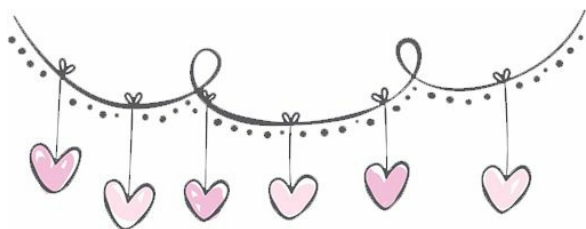
— Não. Ia tentar te ver, mas por via das dúvidas, mandei mensagem.

Nos despedimos e sigo para o hotel.

Se acho que posso me apaixonar por Miguel?

Sim, afinal, me apaixono um pouco ao entrar no quarto e vê-lo dormir abraçado com nosso filho.

Que meu coração se cuide, porque estou entrando na aventura mais louca da minha vida.



Capítulo 17

Debora

Nunca parei para idealizar meu casamento. Também nunca achei que seria apenas meus pais, os pais do noivo e seus amigos. Para não "passar em branco" jantamos todos na casa da família de Miguel. Sem lua de mel, sem casa, sem uma relação verdadeira. Trouxe todas minhas coisas e de Lucas para a casa dos meus sogros onde

ficaremos os primeiros meses.
Conversando com Miguel achamos
melhor escolher tudo com calma.

Estou olhando da janela do meu
quarto Lucas brincar com os avós no
jardim quando Miguel entra.

Parado atrás de mim, ele me
abraça.

— Podíamos aproveitar o
momento de descanso para nos conhecer
melhor. — diz arrepiando-me inteira.

— Nos conhecer biblicamente?
— pergunto.

— Uhum...

— Miguel...

— Debora, não vou mentir.

Você me atrai. É linda, gostosa, tem essa cara inocente, mas que pode não ser, que faz com que fantasie com você.

— Tão rápido?

— Tão rápido. Desejo não é algo que podemos explicar.

Viro-me para ele.

— Acha que um dia irá me amar? — pergunto.

— Acho que podemos construir

uma relação.

— Baseada em desejo?

— É um começo.

Suspiro.

— Me conquiste Miguel. —
digo e saio do quarto em direção ao
jardim.

— Seus pais foram embora há
pouco. — minha sogra diz.

— Sim. Quer ajuda? Lucas não
cansa.

— Está tudo bem. Já você,
fugindo do Miguel.

Sorriso.

— Estava nos olhando.

— Estava. Precisam se conhecer mais, mas a entendo. Aquele menino só pensa em conhecer mulheres biblicamente.

— Sim. No entanto, ele precisa me conquistar.

— Ele vai.

Quando entramos em casa já é fim da tarde. Lucas realmente não cansou e foi preciso levá-lo para dentro.

Ao voltar para o quarto, estou

cansada, mas sorrio ao me deparar com um jantar a meia luz.

— Quero que dê certo, Debora. E para começar, vamos nos conhecer. Prazer, eu me chamo Miguel, tenho uma empresa própria, tenho um filho lindo de cinco anos, quero levar a mãe dele para a cama porque ela é linda, encantadora. Porque me ouve, mas também quero conhecê-la melhor. Saber o que gosta de comer, quais passeios gosta de fazer, o que a faz sorrir e o que a entristece.

— Olá, Miguel. Eu me chamo Debora. Dou aulas para crianças. Tenho

um lindo filho de cinco anos. Gosto de ver filmes, passear no parque e praia. Eu amo praia. Gosto de vinho, mas sempre tomei os ruins, os piores que imaginar.

Miguel sorri.

— Do que gosta? — pergunto.

— Do seu sorriso.

— Fora isso.

— Dos seus olhos. Do modo como mexe no cabelo ao estar nervosa. Gosto que leia para Lucas antes de dormir, gosto que roube todo o lençol e

que abraça o travesseiro. Gosto do cheiro dos seus cabelos e de não gostar de perfume. Gosto do cheiro do seu hidratante. Dos coques mal feitos. Gosto dos shortinhos que dão munição a minha imaginação e do seu lado professora.

— Gosta de muitas coisas em mim.

— Gosto de você inteira.

— E de fazer? O que gosta?

Ele me olha de modo sacana.

Céus!

A noite se passa entre risadas

gostas e descobertas importantes.

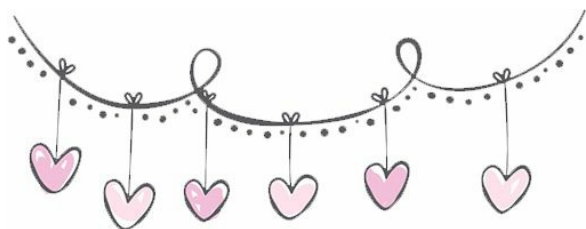
Miguel estava focado em sua carreira e não queria relacionamentos. Ele tem se esforçado e se sentido surpreso ao perceber que Lucas e eu não interferimos em suas buscas profissionais. Ele está apaixonado pelo filho. Está louco para me levar para cama, mas também quer ser meu amigo. Saber sobre quem sou.

É certo que Miguel me causa um misto de sentimento. Uma sensação de que estamos cada dia mais próximos, juntos. A certeza de que a cada dia gosto

mais da sua presença me invade, mostrando que Miguel é diferente de tudo que pensei.

Ele pode ser safado, mas não é um homem egoísta. Miguel se esforça, quer viver tudo o que a vida lhe apresenta, ele é apaixonante.

E sim, eu posso estar me apaixonando.



Capítulo 18

Miguel

Um casamento oficial e simples, meses morando com meus pais. Pequenas conquistas ao lado dela. Jantares, saídas com nosso pequeno, filmes sozinhos. Toques roubados. Até que ela me beija.

Um beijo roubado, simples, mas verdadeiro. Um beijo que partiu dela. O começo de algo.

Durante os quatro meses em que estamos "juntos" conhecemos um pouco mais um do outro. Debora é calma. Ela é a direção de para onde quero ir. É o que minha mãe falava, o que tia Maraiza explicava. Lar. Debora e Lucas são o meu.

E foi ao entender isso que finalmente marquei para vermos uma casa.

Entramos no condomínio e a deixo livre para conhecer o lugar. Há jardim, parque, piscina.

— Não acha grande? —

pergunta ao sair do terceiro quarto.

— Não.

— Sêrio?

— É uma casa para uma família em crescimento. Esse é o momento de decidir se vamos construir algo ou não.

— digo e ela se aproxima. Passa os braços por minha cintura.

— Acho que gosto de você.

— Não é o suficiente para uma família aumentar.

Ela suspira.

— Estamos caminhando,

Miguel. Tenho medo de me entregar totalmente e descobrir que não sou o que deseja. Seu histórico de mulheres é assustador e não é porque teve muitas, mas pela beleza que exibem.

— Você é a mais bela de todas, mas não quero comparar. Aquela fase da minha vida, passou. Eu estou aqui, de coração aberto, dizendo que quero viver uma história com você. Às vezes, as paixões apenas acontecem.

— Está apaixonado por mim?

— Estou.

— Não acredito. — diz.

— Não é essa a casa, Debora.

Voltamos ao zero. Volto para a casa dos meus pais cansado. Enquanto Debora sobe para ficar com Lucas sento-me ao lado da minha mãe.

— Achei que nesse momento já estaríamos caminhando juntos.

— E por que pensou isso?

— Porque quero caminhar com ela. Eu adoro vê-la dormir e isso pode ser assustador. Eu adoro vê-la chegar do trabalho, fazer aquele coque feio e

revisar com seriedade o material escolar de crianças que ainda não sabem nem escrever o próprio nome. Adoro quando saímos para jantar, adoro quando passeamos com Lucas. Adoro quando esquece algo no banho e me pede para levar. Adoro o fato de que apesar de reclamar que os vinhos que bebe são ruins, são eles que ela procura no supermercado. E lembra o que gosto de beber. Gosto que roube meu lençol. E que faça carinho em meu peito e rosto quando acha que estou dormindo.

— Se apaixonou.

— Ela não acredita. Achamos a casa perfeita. Nos vi ali. Sonhei com nosso futuro e então...

— A leve para jantar, abra seu coração e terá a resposta que precisa. — diz e sobe para colocar o neto para dormir. Tarefa que divide com Debora.

Se você quer declaração e romantismo, é isso que terá, Debora.



Uma semana depois, estou

levando-a para o restaurante mais romântico dessa cidade. Há uma música melosa no fundo, há uma decoração cheia de coração e há o nome. O nome que me faz lembrar de motéis de quinta.

— Sêrio que me trouxe para o *Cantinho do amor*? — pergunta.

— É, nem estou acreditando.

— Por quê?

— Porque acho que teríamos outras opções, não algo que soasse como uma ida ao motel.

— Desistiu de me levar a um?

— Não. Mas hoje, quero te
namorar. Quer namorar comigo?

— Somos casados.

— Quer namorar comigo?

— Tudo bem, eu quero.

Sorrio e a puxo para mim. Um
começo.

O jantar se passa rápido.
Debora pode esconder, mas sabe que
tem sentido o mesmo.

O coração parar de bater.

— Sobre a casa... — diz
mostrando que me ouviu. — É a nossa.

Nos vi ali. É nossa. Pode agilizar isso?

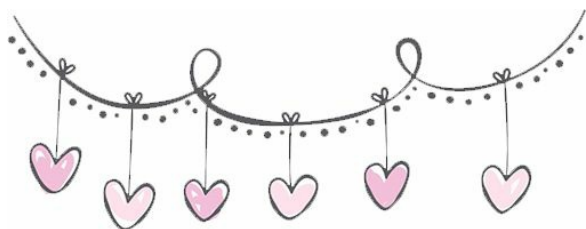
— O quanto antes. — digo.

Debora me encara, se aproxima e me beija. Um puta beijo. De incendiar, de acalmar. Sinto o desejo correr por meu corpo.

Sinto tudo.

É ela.

Realmente é ela.



Capítulo 19

Debora

Compramos a casa. Ou melhor, Miguel comprou. Ela é bonita, do tamanho necessário para nossa família e para o que poderemos ser.

Em uma semana de longas noites, vamos no shopping escolher móveis que a tornem um lar.

A mudança ocorre cheia de choros e animação. Minha sogra chora

por não ter Lucas todos os dias, já Lucas está animado para conhecer a casa nova.

Ele adora mudanças. Miguel está feliz e eu estou...ansiosa para os dias que virão.

Os dias que passam são cheios de entregas. Perco a vergonha de beijá-lo e faço sempre que tenho vontade. Também passo a demonstrar mais afeto, me abrindo para o que estamos vivendo.

O primeiro dia em casa é diferente. Já morei com uma amiga, já morei sozinha, mas nada se compara a

morar com meu marido. Não, Miguel ainda não é meu marido. Mas quero que seja. Quero que tenhamos uma vida.

Os meses juntos me tem feito vê-lo. Tem me feito entender quem é e o que quero para nossas vidas.

Miguel sai para trabalhar vestindo terno, gravata e uma mochila. Como um homem pode ser tão bonito de terno e mochila?

Lucas passa a imitar o pai. Ele quer se vestir com terno, mas como ainda não tem, coloca sua farda resmungando. Como é sexta, minha mãe

pediu para que o deixasse dormir com ela, afinal, ela está com saudades.

Aproveito para ter um momento a sós com Miguel. Nosso primeiro momento a sós em nossa casa. Chego do trabalho e sigo para a cozinha. Tão linda. O sonho de toda pessoa que adora cozinhar. Separo os ingredientes para fazer nosso jantar e começo a prepará-lo.

Monto a mesa e escolho um vinho. Um bom vinho.

O que Miguel não me faz fazer?

Abro mão do meu vinho fuleiro para tomar um do dele.

Tomo banho e me visto. Pronta para esperá-lo, sento-me no sofá com uma taça de vinho. Consigo imaginar a cara de Miguel ao entrar e me ver.

Sorrio.

E então ele entra.

Sem esperar ele abre a porta, continua mexendo no celular, provavelmente trabalhando, até que me vê.

O sorriso em seus lábios, o

modo como caminha até mim. Jogando de forma displicente sua mochila.

— Olá — diz.

— Oi. Bem-vindo ao nosso primeiro jantar de casal.

— Sozinhos e em casa.

— Sim. Apenas nós dois. Um jantar romântico.

Sou envolvida por seus braços fortes e suspiro. Já não lembro quando meu coração passou bater forte ao tê-lo com os braços ao meu redor.

A respiração suave em meu

pescoço me arrepia, acende meu corpo e me faz desejá-lo. E quando sua boca cola na minha sei que sim, estaremos juntos. E nos conheceremos biblicamente. Também sei que estou perdendo meu coração, talvez já nem o tenha mais.

Miguel aprofunda o beijo e o sinto me queimar.

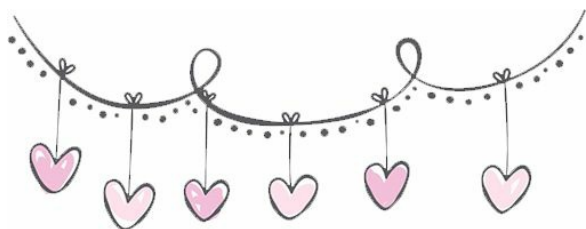
Seu corpo colado ao meu me mostra que sim, ele está mais do que pronto para colocar em prática a melhor parte do casamento. Não resisto, não paro para pensar, apenas sigo meu

instinto. O beijo nos aquece, as roupas saem aos poucos e nossa sala se torna palco para nossa entrega.

É quente, alucinante, apaixonante.

Miguel, é mais do que imaginei que seria.

E eu imaginei muitas coisas.



Capítulo 20

Miguel

A olho dormir ao meu lado e me sinto realizado. É assim que se sente ao criar laços?

Debora mudou minha vida. Aos poucos ela me fez desejar muito mais. Muito mais do que seu corpo, mais do que seu prazer.

Ela não é como pensei. Não é inocente, nem sacana demais. É um

misto perfeito de romance e sacanagem. Debora sabe que é mais do que uma mãe, e quando deixa seu lado mulher vir à tona ela é um furacão. O meu furacão que precisa de certezas.

Hoje, após nosso momento, sei que apesar de não poder dar-lhe a certeza, sei que posso fazê-la feliz. Os dias que se passam comprovam isso, afinal, nossa vida de casados tem esquentado, nos tornando quase dois adolescentes. Dois jovens no início do relacionamento onde há muito fogo, fumaça, incêndios.

Mas não é apenas na vida a dois que temos acertado. Os cuidados com Lucas são divididos. Criamos rotinas, nos conhecemos muito bem biblicamente.

Os beijos de Debora me fazem ganhar o dia. Me fazem começá-lo também.

É por isso que agora, após colocarmos Lucas na cama, estamos sozinhos, abraçados no sofá. Entre um beijo e outro, namorando como um casal de namorados.

— Sente isso? — pergunto colocando sua mão em meu peito.

— Um coração muito acelerado.

— Bate por você.

— Miguel...

— Precisa de certeza, Debora. Estou te dando ela. Meu coração bate acelerado por você. Sabe que mexe comigo, mas não é apenas carnal. Não é porque te quero, não é apenas porque te desejo. É porque sinto que te amo.

— Mudou minha vida totalmente. Primeiro me mostrou que não era quem eu achava, depois virou meu

amigo, mostrou que posso confiar em você. E me mostrou o homem. O homem lindo que todas desejam, o homem que faz meu corpo arrepiar e meu coração ficar insano. O homem capaz de me roubar o juízo. Uma vez ouvi que amor se constrói. É um misto de paixão, tesão, respeito, é mais que gostar. Envolve querer bem.

— Está dizendo que me ama?

Ela sorri e a puxo para mais perto. A beijo suavemente.

— Amo.

Toco suavemente sua perna por baixo do pijama. Sinto os pelinhos do seu corpo arrepiar. Tiramos as roupas aos poucos, com beijos suaves, nós nos entregamos um ao outro de forma lenta, apaixonante e entregue. Nos fazendo ter certeza de que o que sentimos é real, novo e incrível.

Não planejamos nos apaixonar, mas nos permitimos viver tudo o que acontecesse entre nós e estamos vivendo. Uma vida. Nossa vida a dois.



Debora

Já perdi as contas de quantas foram as vezes em que me entreguei sem medo a Miguel. Nossa vida ganhou novo tom depois que passamos a viver o casamento em toda sua plenitude. Não porque o sexo era bom, não porque ele era sacana e divertido, mas porque conhecemos lados nossos que ainda não conhecíamos. Porque sinceramente, estamos permitindo que a vida nos ensine, nos guie e que o amor nos

surpreenda. E como estamos nos surpreendendo.

Nunca me cansarei de acordar ao lado desse homem. Nunca me cansarei de estar ao seu lado. Nunca me cansarei de amá-lo.

Sim, eu o amo.

E não é porque ele é um ótimo pai, não é porque me fez me reinventar, me redescobrir como mulher, mas pelo cuidado, pela presença, pela insistência. Pelo modo como meu coração parece acelerar ao seu lado. Pelos beijos

roubados, pelos toques suaves, pelas entregas intensas e pela promessa de calma.

Aprendemos a amar as pessoas por diversos motivos, e Miguel me fez amá-lo por ser quem é. Foi a verdade dele que me abriu os olhos, me acendeu o corpo e tocou meu coração.

Com ele, vieram ainda novas amizades, novas experiências, literalmente, uma nova vida. E uma vida que tenho amado, vivido intensamente.

É por isso que quando as

Marias se autoconvidam para almoçar
aceito sem medo.

Elas chegam de forma inquieta,
são faladeiras, meio malucas, mas
preocupadas com Miguel. Após o
almoço estamos na sala. Elas falam
sobre as loucuras que já viveram com
ele. Puxo minhas pernas para cima do
sofá.

— Então, já estão na fase do
amor? Miguel merece ser amado e
precisa amar. — Maria Eduarda diz e
sorrio.

— Estamos. Sei que ainda pode parecer estranho. Nosso casamento não aconteceu por amor. Ou melhor, não o amor que às pessoas esperavam. Nos casamos pelo Lucas e então... Miguel é apenas difícil de resistir. Ele é sedutor, lindo, deixa qualquer mulher louca, qualquer calcinha molhada, qualquer coração acelerado. Saber que sou a sua "escolhida" mexe comigo.

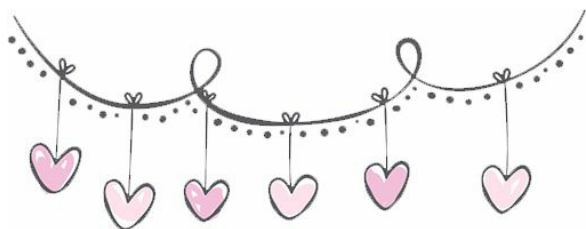
— Como sabe que é amor?

— Apenas sei. Sinto dentro de mim. A intensidade que vivemos, a paixão que descobrimos, a

cumplicidade, a amizade que criamos. Tudo isso faz com que tenha certeza de que o amo.

— Miguel é um safado que vale a pena. — a mais velha diz e acabo sorrindo.

Sim, ele é safado, mas vale a pena. Vale muito a pena.



Capítulo 21

Miguel

Meu dia na empresa foi cheio de trabalho. Precisei reler contratos, definir prazos, iniciar operações importantes para a empresa. No entanto, mesmo o dia longo e cansativo não me deixa esquecer-la. Debora é a mulher que mais mexeu comigo, a que mais se infiltrou em mim. Foram meses de conversas e amizade para que ela se

sentisse confiante ao meu lado.

Foram muitas insinuações e muito pau duro. Muitos banhos frios e minha mão trabalhando sozinha. Mas valeu a pena. Debora vale a pena. Consigo nos ver por longos anos vivendo juntos a paixão que nos toma. Nos vejo por toda a vida.

Estou assinando o último documento do dia quando ouço minha porta abrir e vejo um pequeno passar por ela animado.

— Papai, a mamãe e eu viemos

te buscar. A gente *tá* com desejo de pizza no jantar. — Ouço Lucas e sorrio.

Logo atrás dele está ela, a mulher que faz meu coração bater forte e meu corpo esquentar.

— Ele estava com saudades. O papai está chegando tarde nos últimos dias. — Debora diz.

— Sinto muito por isso, filho. Mas vamos jantar pizza e logo estaremos de férias.

— Férias vai *pra* escola papai?

— Não vai não. Férias a gente

se diverte, brinca o dia todo, viaja com o papai e a mamãe, visita o vovô e a vovó.

— Duas vovó. Dois vovô. — diz mostrando dois dedos.

— Exatamente.

— Mamãe, quero férias.

— Teremos. Suas aulas acabam amanhã. Depois vem um mês de férias e então as aulas novamente. — Debora explica.

— Tem Natal?

— Não. Natal é apenas no fim

do ano. — digo guardando os documentos. Aproveito para pegar a mochila e dar a mão ao meu pequeno.

— Vamos comer a pizza que quer?

Ele sorri. Beijo Debora e então seguimos para mais uma noite em família.

Minha família.

Que estranho dizer algo assim, mas que incrível viver com eles ao meu lado.

É tarde quando colocamos um

Lucas dormindo na cama.

Ele capotou ainda no carro. Aproveitamos que ele é ótimo de sono e entramos no banho. Uma coisa que passei a gostar após tornar nosso casamento real: tomar banho com ela.

Debora nunca resiste. Ela ama minhas sacanagens.

Estendemos a noite ainda mais. Nos amamos de todas as formas e então, já no raiar do dia, caímos no sono.



Acordo atrasado, Lucas me chama e o vejo pronto para seu último dia de aula do semestre. Olho a hora, se demorar demais perco o café da manhã com ele. Coisa que nunca fiz desde que estamos juntos. Coisa que ele adora.

— Papai vai correr no banho e tomamos nosso café.

— Rápido papai. — grita.

E realmente faço tudo rápido. Quando desço, sento-me ao seu lado e nos servimos.

Ele aprende tudo depressa e já não se suja ao comer. Meu pequeno é inteligente e me enche de orgulho.

Após nos despedirmos, sigo para meu último dia na empresa. Durante o dia finalizo todas as reuniões, monto a agenda para minha volta e me permito ter férias.

— Há quanto tempo não tira férias, senhor? — diz Aline, minha secretária.

— Desde que começamos.

— Espero que descanse.

— Algo me diz que voltarei mais cansado, no entanto, mais feliz.

— Crianças são a alegria da casa. O tempo passa rápido e quando menos esperar ele estará indo para a faculdade.

— Não brinca! Isso até me assusta.

— Ele ir para a faculdade?

— O tempo passar rápido. Quero viver todas as fases ao lado dele. Quero que me veja como amigo, pai zeloso.

— Pergunte aos seus pais. O tempo realmente passa. Aproveite os momentos.

— Estará de férias também. Algum plano incrível?

— Finalizar os planos do meu casamento.

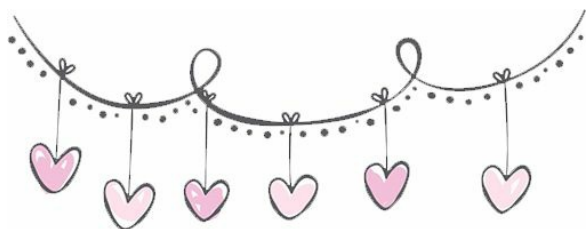
— Isso não é descansar.

— Mas é um plano incrível!

Sorrio. Será que consigo organizar um plano incrível assim em um mês?

Consigo imaginar a cena, e

apenas de imaginar sei que minhas
primeiras férias serão incríveis.



Capítulo 22

Debora

Fazemos check-in em um hotel do litoral e damos início a nossa primeira férias em família. Miguel não quis ficar na casa dos seus pais, por ser uma praia já conhecida por todos, ele queria todas as experiências de descobrir um novo lugar.

Saímos para jantar. Lucas ainda está na fase de se inspirar e imitar o pai,

Miguel por sua vez, adora ver o filho seguindo seus passos, passou a comprar roupas iguais e por isso, tenho ao meu lado dois homens vestidos completamente iguais. Dos pés à cabeça. Só quero ver até quando isso vai durar.

— Você continua nessa fase de dois por cinco, três por dez?

— Do que você está falando?

— Do look combinado.

— Tal pai, tal filho. Filho de peixe, peixinho é.

Sorrio, porque embora eu

brinque com eles, realmente ficam bonitinhos.

— Estamos lindos, filhão. —
diz e Lucas o olha.

— Gatão papai.

— Gatão e gatinho.

— A mamãe é a gatinha.

— Sim, filho. Sua mãe é a gatinha do papai.

— Deus do céu. Vamos comer logo, vi que há um parque aqui perto e é uma ótima maneira de cansar o Lucas.

— Quer cansar nosso moleque

para quê?

— Moleque não, papai. Gatinho. — Lucas diz mostrando que apesar de não entender, era prestando atenção a nossa conversa.

— Para usar o meu marido.

— Seu marido concorda com isso.

Jantamos algo leve, levamos Lucas para conhecer o parque e quando ele cansa, o levamos para o quarto adjacente e colocamos em prática nossos planos.

A noite se torna longa, mas aproveitamos cada momento dela. Quando amanhece, Lucas entra em nosso quarto pedindo para ir para a praia.

O café da manhã se torna rápido e logo estamos os três admirando a beleza da natureza. Apreciando um mar azul de águas calmas e cristalinas. A imensidão se perdendo de vista.

— Lindo papai. — Lucas diz e corre para água com o pai atrás.

Os observo brincar enquanto tomo um pouco de sol. Aproveito para

ler um novo livro e realmente relaxar.

Os dias que se seguem são cheios de paixão entre Miguel e eu. E muita cumplicidade entre ele e Lucas. Tudo o que vivemos mostra o quanto nossa família é unida e cheia de amor. Mostra que estamos fortalecendo uma base, dando-nos segurança.

Uma semana depois, já em casa, Lucas passa três dias com meus pais e três dias com os pais de Miguel. Enquanto está fora, ligamos para falar com ele todos os dias. Ele é divertido e gosta de se sentir independente.

Com a casa vazia, Miguel e eu arriscamos usar os cômodos da casa sem medo. Há paixão em todas os nossos momentos, sejam eles momentos a dois ou a três, já que Lucas logo retornou das "férias" de criança independente como os avós chamaram.

Em nossa última semana de férias, passamos os dias vendo filmes infantis, comendo pipoca e pizza e brincando pela casa, pela piscina e até mesmo no parquinho.

Minha vida está completa. Há rotinas, a quebra delas. Há paixão,

amor. Há choros e reclamações. Há paciência. Aliás, ousou dizer que minha família está sendo construída com base na paciência e entrega.

Um dia, achei que Miguel saber do Lucas seria arriscado, que ele tomaria meu filho e arrancaria meu coração. Por anos tive medo de perder um pedaço de mim e então descobri que isso nunca aconteceria. Miguel nunca seria capaz de me ferir porque ele não é assim, vingativo, egoísta. Ele jamais seria capaz de ferir o Lucas. E nos separar iria machucá-lo.

— Ainda lembro de como chegou em minha casa. Parecia ser exatamente como pensei. Arrogante e egoísta. — falo deitada ao seu lado no sofá gigante que temos em casa.

— Faria o mesmo. Se estivesse em meu lugar, não sairia dali sem ele.

— Não. Mas apenas no hotel, depois de nossas longas conversas, entendi que faria o impossível por ele. Até mesmo abrir mão de tê-lo todos os dias.

— Amor não se explica. O

amo. Te amo.

— Nós também te amamos.

— Espero ser um exemplo de pai. Não para os outros, para ele. Quero que se orgulhe de ter um pai amigo, alguém em que possa contar para tudo, falar sobre tudo.

— Acho que você já percebeu que ele ama você. Que ele se espelha em você. Fico feliz que o amor fortaleceu nossa relação, a sua relação com ele, a minha.

— Lucas é uma criança

inteligente e pura. Ele é amado e sabe disso. Ele é amor e por isso ama.

— Ele é a parte mais bonita de toda a minha vida.

— Obrigado por amar meu filho. Nosso filho.

— No começo eu odiei a Raquel, a julguei, a xinguei e então entendi. Ela nunca quis ser mãe, ela se protegia, ela... Mas hoje não posso dizer que ela foi egoísta. Ela deu a ele a chance de ser amado. Ela sabia que aquele menino que gerava merecia ser

amado e deu a ele essa chance.

— Ainda não consigo entender, mas acho que todo mundo tem convicções e que não posso julgar ninguém por isso. Gostaria que tivesse me procurado, mas sou grato por ela ter escolhido bem. Você é a melhor mãe que meu filho poderia ter.

— O amo mais do que a mim mesma. — digo por que é verdade.

— O amo da mesma forma.

— Nosso casamento começou por ele, mas se fortaleceu por nós.

Nossas provas de amor são intensas e definitivas, mas não as mudaria. Eu me casaria com você novamente por ele. Casaria por mim. Te amo por ele e por mim. É estranho?

— Não. Te amo por tudo que fez e faz por ele. Te amo por mim mesmo. Porque você foi a única. A única delícia que me amarrou.

— Estava demorando.

— O quê? Falei a verdade. É delícia e me amarrou.

— Até onde me lembro, foi

você quem me pediu em casamento.

— Pedi. E pediria novamente.

— Casaria novamente comigo?

— Todos os dias. Te diria sim todos os dias.

O encaro. Também diria sim para Miguel todos os dias. Vejo meu marido se levantar, pegar a mochila que estava há dias no canto da sala e então parar a minha frente.

Ele se ajoelha.

— Ia ser na praia. Queria montar um casamento surpresa para

você durante nossas férias, mas percebi que não podia montar nada se não soubesse que desejava isso. Então, permaneci com o anel guardado esperando o momento, pensando em um pedido romântico, surreal e agora entendi que não era necessário, a única coisa que importa é ter você comigo.

Suspiro e sinto meu coração bater forte. Tão forte como nunca senti.

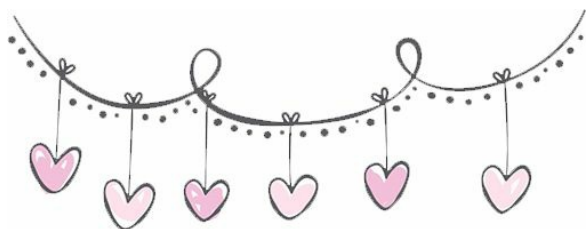
— Quero você ao meu lado. Hoje, amanhã, depois de amanhã, no próximo mês, ano, década. Te quero para sempre. Casa comigo?

Meus olhos se enchem de
lágrimas.

— Digo, casa comigo em uma
cerimônia especial, com um momento de
rapidinhas e comemorações?

Sorrio em meio a lágrimas.

— Sim! Eu caso.



Capítulo 23

Miguel

— Sim! Eu caso. — ela diz me fazendo perder a noção do tempo e espaço.

Com velocidade e paixão, cubro sua boca com a minha. A beijo com fome, desejo, amor. Sei que muitos ainda não acreditam no que sentimos, mas sei também que não precisamos provar nada a ninguém.

Com nossos corpos nos declaramos. Com ações fortalecemos o que sentimos. E é por isso que agora, enquanto mais uma vez desfrutamos de tudo que sentimos entendo que realmente, não era nas férias que deveria pedir ou organizar o casamento.

Debora precisa sentir toda a emoção que é planejar tudo.

— Vamos nos casar! Eu não acredito. — diz apoiada em meu peito.

— Vamos. Tem algo em mente?

— Podíamos nos casar na

praia? Usamos a casa do seu pai, é próxima e mais fácil de organizar tudo. Já consigo ver você e Lucas de pinguim.

— Já consigo te ver de branco.

— Não é estranho? Já somos casados.

— Pouco importa.

— Pouco importa. — repete e me beija.

Os dias se passam, o casamento se aproxima, nossa rotina se fortalece. Se um dia pensei que iríamos manter as aparências para sempre, hoje, só

consigo pensar no quanto me enganei.

Em algum momento de nossas vidas, eu me apaixonaria por ela.

Caralho.

Eu sou o idiota mais feliz do mundo por ter ao meu lado a mulher que amo e por ser amado por ela.

Amor. Quem diria? Eu que tanto bati no peito sobre não querer relacionamentos estou tão firme em um. Desejo tanto nossa vida juntas que não sei quando somos dois.

Para mim, sempre seremos um.

É isso que o amor faz?



— Papai, a gente *tá* igual. De novo. — Lucas diz ao se olhar no espelho, vestido com seu terno para o casamento.

Última prova. Pelo menos assim eu espero. Provar e provar repetidas vezes é um saco. Quem caralho inventou isso?

— Estamos. Papai pinguim,

Lucas pinguim. — digo e ele sorri.

— A gente vai *casar* com a mamãe.

Sorriso.

— Eu vou me casar com a mamãe, parceiro.

— E vai ter bolo e praia.

— E lua de mel.

— Também quero ir para lua papai.

— Um dia você vai. Agora, que tal jantar com o papai?

— A mamãe não vai?

— Não. Mas a gente vai levar para ela, tudo bem?

— *Tá bom.*

Ele deixa a moça da loja tirar o terno e o ajuda a se vestir. Logo troco minha roupa e o levo para jantar. Lucas pede jantar e sobremesa, por isso demoramos a chegar em casa.

Já em nossa casa, entrego a comida para Debora e aproveito para dar banho e colocar para dormir um pequeno falador. Quando finalmente acabo, entro na sala e a vejo terminando

de endereçar os convites.

— Faltam muitos? Posso ajudar.

— Apenas essa pilha ao seu lado. Acho que uns vinte. Seu pais tem muitos amigos.

— Chamou Raquel?

— Mandeí uma foto, mas ela não vem.

— Estarei sendo babaca se achar que assim é melhor.

— Não, mas sempre fomos amigas, gostaria de tê-la ao meu lado.

— Entendo, só...

— Raquel está em outra fase.

Por mais que ela me queira bem, nos queira bem, seria contramão para ela. Raquel não se sentiria confortável, meus pais, seus pais, todos sabendo do que houve.

— Não seria confortável, mas respeito seu desejo.

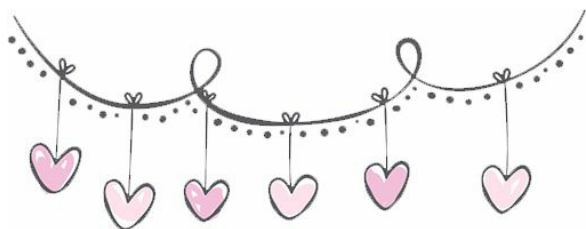
— Eu te amo. — diz.

— Eu te amo. — respondo porque realmente a amo.

Amo como nunca achei que

poderia amar alguém. Amo com romantismo, paixão. Amo com meu corpo, com meu coração. A amo com a minha alma e eu jamais acreditei que poderia amar assim.

Até que ela chegou.



Capítulo 24

Debora

Um vestido branco e leve, uma trança delicada. Uma sandália baixa.

Vento, pôr do sol. A piscina cheia de velas, o amor lá fora nos abençoando. Amigos e familiares. É assim que caminho até Miguel. É assim que ouvimos o padre. É assim juramos amor.

Amor. Quem diria que eu me apaixonaria pelo homem que mais

temia? Pelo homem do qual fugia?

Amar Miguel torna meus dias mais fáceis, transforma minha vida em calma ao mesmo tempo em que dá ritmo a ela. Com ele aprendi o que era amar. Com ele quero construir uma vida, estou construindo uma vida.

Lucas é nosso melhor presente. Tudo começou por ele, mas continuou por nós.

Nós que já fomos um, agora somos dois. Um casal apaixonado. Um casal. Quem diria?

— Está muito pensativa. — diz

em meu ouvido enquanto dança comigo.

— Estava pensando em nós. Em nossa vida. Nunca fui de idealizar, mas a nossa sim.

— Há algo que queira pedir?
— pergunta.

— Amor, amizade, lealdade, compreensão, paz. Uma vida de amor e paz.

— Sexo. Não esqueça do sexo.
— brinca.

— Claro.

— E uma família grande.

— Grande tipo?

— Não sei. Três filhos?

— Temos dois para fazer! —
digo.

— Temos tempo.

— Adoro amar você.

— Eu amo você.

Continuamos aproveitando a festa, uma linda festa. Lucas nos procura quase sempre feliz por finalmente ter terminado a parte chata. O sermão. Ele adora festa. É igualzinho o pai. Ao perceber que já é tarde, minha sogra

pega Lucas e o leva para dormir, no entanto, antes o traz até nós. Somos envolvidos em abraços e beijos e então o vemos ir dormir.

— Pronta para a fuga?

— Na verdade, não.

Miguel me olha e suspiro.

— Primeira vez que viajo sem ele. Sei que parece bobagem, mas...

— Não é.

— Apenas sinto que posso sufocar. — falo.

— Quer adiar?

— Não.

— Quer levá-lo?

— Não.

— Então o que quer? — me pergunta

— Não me preocupar? Sei que ele estará bem com seus pais, meus pais, então... Não vamos adiar, não vamos levar. Ele já ficou uma semana longe de férias.

— Na mesma cidade.

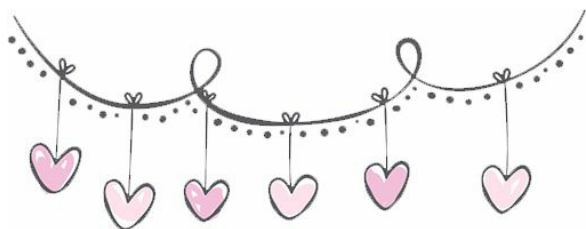
— Sim, mas temos um filhos e uma vida. Vamos saber lidar. — digo

convencendo a mim mesma.

— Sempre.

Miguel me beija mais uma vez
e sinto-me em paz.

Em casa.



Capítulo 25

Miguel

Achei que lua de mel envolvia sexo e mais sexo. Mas não, nossos dias se dividiram em passeios, sexo, jantares, sexo de novo e muitas ligações de vídeo para casa. Muitas ligações para casa. Se achei ruim? Não. Se prolongaria? Talvez. Mas os dias passam e estamos de volta. A uma rotina familiar pela qual eu me apaixono cada

vez mais. A uma rotina de trabalho que sempre me encantou.

Mais uma vez encaro a vista da janela do escritório, mas pela primeira vez penso em como minha vida mudou e em como eu não a trocaria por nada.

Nada seria capaz de me fazer mudar a vida que tenho construído. Muitas mulheres e confusões se passaram em minha vida, mas encontrá-los foi o melhor que já vivi.

Não.

O melhor estamos vivendo.

Construindo nossa base, fortalecendo nosso amor, criando nosso filho. Nos amando.

Nunca pensei que poderia amar assim, nunca parei para pensar sobre tudo isso na verdade. Para mim, o lado bom da vida se resumia ao prazer e ao crescimento nos negócios, e então estou como um bobo. Apaixonado. Muito. Puta merda eu posso dizer até que ao invés de sexo fazemos amor.

Existe uma porra de mundo em que eu me via falando isso? Eu que achava a frase tão broxante agora só

penso nela. Mas é difícil não a amar, amar cada pedacinho do corpo gostoso que me ganhou.

Sorrio, sou um homem casado, com um filho, uma esposa, uma empresa e sonhos.

Quem diria? Não eu.

A porra de um sortudo do caralho.

Pego a mochila, sigo para o carro velho e dirijo para casa.

Minha alegria não passa, a sensação de satisfação que sinto ao entrar em casa

nunca passa. O orgulho filho da puta que sinto ao ver a família que estou construído. O tesão safado ao ver minha esposa na sala de vestidinho solto, coque todo baguçadinho e a porra de uma caneta na boca é o que me faz ter certeza de que estou no caminho certo.

Estou no lugar certo, no tempo certo, vivendo a vida certa.

— Caralho. — digo ao observá-la.

— Se Lucas falar um palavrão, eu vou lavar a merda da sua boca com

sabão, Miguel. — diz e sorrio.

— Cadê o moleque?

— Moleque não papai. —

Ouçõ meu filho e sorrio.

— Meu gatinho. — digo e ele sorri.

— Da mamãe.

— E do papai.

— Do papai é amigo.

— Como quiser, amigo.

Vejo Debora colocar o material de trabalho de lado e então sento-me no chão ao seu lado. Lucas a nossa frente

com seus brinquedos nos faz sorrir.

Olhando nosso filho brincar, olhando Debora sorrir, percebo que não há outro lugar para estar.

— Eu jamais trocaria nossa vida. Puta merda, eu nos escolheria mil vezes. Centenas de vezes.

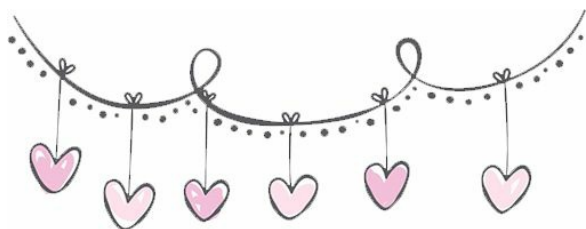
— Nos escolheria infinitas vezes, amor. — ela diz e percebo que falei em voz alta.

A puxo para meus braços e juntos continuamos olhando Lucas brincar.

Sim, eu nos escolheria infinitas
vezes.

Fim





Epílogo

Debora

Ninguém disse que a vida de casada era uma perfeição e por mais que a nossa seja tranquila, ela também não é perfeita. E isso a torna realista, incrível.

Após meses juntos entendi que não há flores sem espinhos, não há problemas sem solução. Entendi que temos uma história e ela é feita de imperfeições. No entanto, sei que se

tivesse sonhado com um homem para mim, ele seria exatamente como Miguel.

Nossa vida é regada a paixão, firmada no companheirismo e cultivada com amor. Não planejamos muito nossos dias, mas vivemos todos eles com intensidade.

Em nossa casa há verdade, entrega. Não há trabalho em excesso, já que tentamos deixar a rotina profissional fora de casa, pelo menos, o máximo que conseguimos.

Há surpresas, alegrias, choros.

Há tantas descobertas! Uma criança crescendo, um casal se amando.

Há vida.

E há algo melhor do que isso?

Eu poderia pedir algo diferente?

Não.

Para as duas questões.

Vivo uma vida feliz, mais feliz do que achei ser possível. Mais feliz do que um dia idealizei. Vivemos o famoso "felizes para sempre" tendo a certeza de que esse não é o fim.

Esse, é apenas o começo.

O começo da nossa vida.

O começo da nossa história.

O nosso começo.



Agradecimentos

Primeiro gostaria de agradecer a Deus por tudo. Tudo o que tem feito, tudo o que me tem permitido sonhar. A escrita sempre foi uma paixão e apenas agora estou me permitindo descobri-la realmente, descobrir sua intensidade. E mesmo que para isso divida meu tempo em escrever no carro, no horário do almoço, pelo celular, no computador, sinto-me grata.

Muito grata.

Se você chegou até aqui, meu muito obrigada! Espero que tenha gostado do Miguel, da Debora e do Lucas.

Obrigada, Miguel e Debora por me esperarem. Os bloqueios vieram, peguei e parei esse roteiro algumas vezes, mas juntos chegamos ao fim de mais uma história.

Lis, obrigada por sempre pedir o Miguel.

Debora, obrigada por permitir que seu nome fosse dado a Debora.

Mari, você é luz! Obrigada pelos
conselhos.

É isso!

Gratidão!



Outros Romances da Autora:

<https://amzn.to/36bLX0F>

ROMANCES

ANNE K SILVA

